

ECOS

da Companhia



VIDA ESPIRITUAL, DESAFIOS, ATUALIDADE, HISTÓRIA

SETEMBRO
OUTUBRO
2020
Nº5

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:

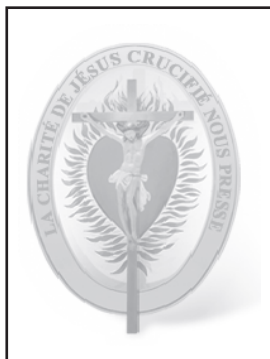
ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

ORAÇÃO À IMACULADA CONCEIÇÃO

...Ó VIRGEM MARIA,
HOJE CONFIO A VÓS
TODOS AQUELES QUE, NO MUNDO INTEIRO,
SÃO OPRIMIDOS PELO DESÂNIMO,
PELO DESENCORAJAMENTO POR CAUSA DO PECADO;
QUANTOS PENSAM QUE NÃO HÁ MAIS ESPERANÇA PARA ELES,
QUE AS SUAS CULPAS SÃO NUMEROSAS
E DEMASIADO GRANDES,
E QUE DEUS CERTAMENTE NÃO TEM TEMPO
A PERDER COM ELES.

CONFIO-OS A VÓS, PORQUE NÃO SOIS APENAS MÃE
E, COMO TAL, NUNCA DEIXAIS DE AMAR OS VOSSOS FILHOS,
MAS SOIS TAMBÉM A IMACULADA, A CHEIA DE GRAÇA,
E PODEIS REFLETIR ATÉ NAS TREVAS MAIS DENSAS
UM RAIOS DA LUZ DO CRISTO RESSUSCITADO.
ELE, E SÓ ELE, QUEBRA AS CORRENTES DO MAL,
LIBERTA DAS DEPENDÊNCIAS MAIS PERSISTENTES,
DESATA AS LIGAÇÕES MAIS CRIMINOSAS,
SUAVIZA OS CORAÇÕES MAIS DUROS.

PAPA FRANCISCO, 8 DE DEZEMBRO DE 2019



**A audácia
da santidade
para
um novo elã
missionário**

Sumário

Vida espiritual

- 291 Carta de 11 de setembro de 2020
Padre Tomaž Mavrič, Superior geral
- 298 Carta de 27 de setembro de 2020
Irmã Françoise Petit, Superiora geral

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de Vocação

- 303 Com as periferias no coração... o serviço dos pobres
Padre Roberto Gomez, CM
- 316 A vida religiosa na era digital
“Decifrar a Fénix”
Padre Plutarco Almeida, SJ

Atualidades das Províncias

Testemunho das Irmãs

- 329 Província Rosalie Rendu (Grã-Bretanha - Austrália)
Os pobres nos evangelizam
Irmã Teresa Mathews, Filha da Caridade

História da Companhia

Centenário da beatificação de Luísa de Marillac

- 331 Encontramos uma mulher forte
Irmã Magdalena Harbu, Filha da Caridade

1600º aniversário de nascimento de Santa Genoveva

- 344 Santa Genoveva
Padre Denis Metzinger, pároco da Paróquia de Saint-Etienne-du-Mont

PADRE TOMAŽ MAVRIČ, SUPERIOR GERAL

Carta de 11 de setembro de 2020

FHA, oportunidades e desafios
pós-Covid-19 para a Família Vicentina
no mundo inteiro

“UNIDOS NA ORAÇÃO, NO
PENSAMENTO E NA AÇÃO”

Queridos irmãos e irmãs

A graça e a paz de Jesus estejam sempre conosco!

O ano de 2020 mal tinha começado e já nos apresentava inúmeros desafios inesperados, incertezas, sofrimentos e morte tendo como denominador comum: a Covid-19.

À medida que o vírus se propagava de um país para outro e atingia o mundo inteiro, os diferentes ramos da Família Vicentina começaram a trabalhar para aliviar as muitas e nocivas consequências que este vírus inflige à humanidade.

No âmbito internacional, a Família Vicentina:

- 1. enviou uma mensagem de incentivo** com a promessa de uma contínua oração por todos os membros de cada Congregação e Associação, bem como, por aqueles que não pertencem oficialmente a um ramo específico da Família, porém, são inspirados pela espiritualidade e o carisma de São Vicente de Paulo e os vivem



Vida
Espiritual

no cotidiano. Nestes tempos difíceis, pedimos ao Senhor que continue a abençoar os inúmeros e maravilhosos serviços e obras de misericórdia que cada ramo realiza em favor dos pobres. Estas obras estão animadas pelo mesmo espírito e o mesmo carisma e são verdadeiros sinais de que o “Reino de Deus está próximo” e que é para os pobres, uma mensagem mais do que nunca importante!

- 2. convidou os membros da Família Vicentina a rezar pela intercessão de São João Gabriel Perboyre, CM, o primeiro santo da China canonizado, para pedir a cura dos doentes da Covid-19** e a força para os profissionais da área da saúde, do social, para os religiosos, as autoridades públicas e para aqueles que, de todas as maneiras possíveis, esforçam-se para aliviar o sofrimento causado pela pandemia. Isto foi uma resposta às numerosas sugestões, visto que São João Gabriel foi martirizado por estrangulamento numa cruz, em 1840, na cidade de Wuhan, China, onde apareceu, pela primeira vez, o vírus da Covid-19.

Recentemente, o Padre Andrzej Jarosiewicz, reitor da Basílica da Assunção da Virgem Maria em Bolesławiec, na Polônia, compôs uma oração para pedir a intercessão de São João Gabriel Perboyre. Há alguns meses, após a descoberta das relíquias de São João Gabriel Perboyre, um relicário foi colocado no altar-mor, onde as relíquias podem ser vistas e veneradas diariamente. Com este sacerdote, gostaria de encorajar a Família Vicentina a rezar esta oração e divulgá-la amplamente.

Oração a São João Gabriel Perboyre, CM

*São João Gabriel Perboyre, sacerdote e mártir,
dignai-vos atender a oração da Igreja,
que servistes durante toda a vossa vida.*

*Nós vos pedimos a graça de preservar-nos da pandemia
do coronavírus que assola a humanidade e, que começou no local
santificado por vossa missão e vosso martírio.*

*Por amor à Igreja, vossa família, nós vos pedimos a cura de todos os doentes, força e paciência para os profissionais da saúde e todos aqueles que os auxiliam;
a luz do Espírito Santo para aqueles que governam e buscam refrear a pandemia;
paz ao coração para os que se desesperam.
Obtende àqueles que deixaram este mundo, vítimas da pandemia, a graça da felicidade eterna e o reconforto para os seus familiares.
Que a oblação do vosso martírio por estrangulamento nos obtenha de Deus a graça de sermos libertados desta pandemia que semeia a morte, o medo e a incerteza no mundo atual.
Em comunhão convosco e com a Igreja que vós amastes até o fim, e a exemplo do Salvador, invocamos a intercessão da Mãe da Igreja, assunta ao céu, e rogamos: à vossa proteção recorremos, Santa Mãe de Deus.
Não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas, livrai-nos sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita!*

- 3. organizou um tempo de oração intitulado: “Oração da Família Vicentina pelas necessidades do mundo”**, por aqueles que sofrem as terríveis consequências da Covid-19, do racismo e outras pandemias que atentam contra a dignidade humana. No futuro, pretendemos repetir esta experiência de oração, tornada possível graças às tecnologias modernas.

Em plena Covid-19, outra tragédia se produziu no Líbano. A explosão em Beirute causou muita devastação humana e material: inúmeras pessoas morreram ou ficaram feridas e, mais de trezentas mil famílias ficaram desabrigadas.

Mais uma vez, a Família Vicentina respondeu energeticamente para aliviar o sofrimento físico, psicológico e material. Vários ramos entraram em contato individualmente com os seus respectivos membros no Líbano

para ajudá-los a socorrer as numerosas pessoas que perderam tudo em questão de minutos. O Comitê Executivo da Família Vicentina (VFEC) também lançou uma campanha com a Comissão Internacional da Aliança Famvin com as pessoas sem teto (FHA) para ajudar as centenas de milhares de pessoas desabrigadas na capital libanesa, através do Conselho Nacional da Família Vicentina no Líbano, coordenada pelo seu presidente Nacional, Padre Ziad Haddad, CM.

Este trágico acontecimento e tantos outros no mundo inteiro: guerras, terremotos, inundações e outras calamidades mostram claramente a importância de um modelo para **responder às necessidades urgentes com maior rapidez, organização e eficácia possível**. Queremos tornarmos instrumentos cada vez mais afetivos e efetivos nas mãos de Jesus para dar testemunho da sua misericórdia, compaixão e amor, seja qual for o lugar para o qual Ele queira nos enviar.

Para fortalecer as práticas atuais, **o modelo da Família Vicentina no mundo deve ser o de continuar a crescer na prática concreta de agir e responder aos apelos dos pobres, em conjunto, como uma Família, como um movimento**. Cada ramo, seja ele grande ou pequeno, é uma parte preciosa do maravilhoso mosaico que constitui a Família Vicentina. A isto acrescentamos os membros da Família Vicentina no sentido mais amplo da palavra e, **juntos tornamo-nos uma força com a qual os pobres do mundo inteiro podem contar**.

Pela primeira vez, em janeiro último, **todos os representantes internacionais dos 160 ramos da Família Vicentina, Superiores Gerais e Presidentes Internacionais, foram convidados** para vir a Roma para se encontrar, compartilhar, ouvir uns aos outros, fazer planos e dar passos concretos para avançar. O tema foi: "A Família Vicentina Avança" no início do quinto centenário da nossa espiritualidade e carisma comuns.

Um dos assuntos foi a **Aliança Famvin com as pessoas sem teto (FHA), do qual faz parte a Campanha 13 Casas**. Ao longo das discussões sobre este assunto, entre outros, os participantes enfatizaram a necessidade **de continuar a desenvolver a colaboração e o apoio mútuo na resposta comum às necessidades dos pobres**. O Comitê executivo da Família Vicentina confirmou a reflexão feita durante este encontro que **a FHA com a Campanha 13 Casas** é uma iniciativa que reúne a Família

Vicentina na área da caridade e, que **deve ser promovida, sem reservas, dentro da Família Vicentina, para chegar ao coração de cada membro, de modo que cada um assuma sua parte ativa nesta iniciativa comum.**

Visto que as necessidades dos pobres são infinitas, algumas carências são prioritárias de acordo com os países onde os diferentes ramos respondem tão bem a estas indigências. Contudo, a **Aliança Famvin com as pessoas sem teto é o nosso único projeto comum.** Consequentemente, ele deve ser promovido, ampliado e introduzido nos 156 países onde a Família Vicentina está presente, para que nenhuma Congregação ou Associação permaneça fora dela, mas, que todos assumam a sua parte ativa nesta iniciativa, em todos os cantos do mundo onde vivemos e servimos.

A FHA tem atualmente três anos e já deu maravilhosos resultados. Porém, ela ainda precisa desenvolver, intensificar e ampliar os esforços para os 1,2 bilhões de desabrigados: pessoas que vivem nas ruas, refugiados que tiveram que deixar suas casas e pessoas que vivem em lugares insalubres. A quantidade destas pessoas aumenta consideravelmente no mundo inteiro em consequência da Covid-19.

Eu gostaria de retomar alguns pontos da carta do ano passado para a festa de São Vicente de Paulo que tenho certeza, são as chaves para avançarmos, a fim de que os 160 ramos rezem, pensem e ajam em conjunto. Este ano, somos especialmente convidados enquanto Família Vicentina, como Movimento Vicentino a comprometermo-nos ainda mais com a FHA, porque a mensagem do Papa Francisco para o 106º Dia mundial dos Migrantes e dos Refugiados, que será celebrado providencialmente no dia 27 de setembro de 2020, fala sobre um grupo de pessoas as quais ajudamos através da FHA. **Por conseguinte, a festa de São Vicente de Paulo deste ano torna-se uma ocasião extraordinária para reafirmar ou assumir um compromisso de participação ativa tanto com a FHA quanto com o projeto 13 Casas.**

A FHA proporciona a unidade dentro da Família na resposta às imensas necessidades das pessoas sem teto. Os coordenadores internacionais e os membros do Comité Administrativo da FHA, com muitos anos de experiência e de trabalho com as pessoas sem teto, estão à disposição de toda a Família Vicentina para oferecer informações e apoio. **Precisamos rapidamente chegar ao ponto onde o problema**

das pessoas sem teto não será mais abordado individualmente, seja por uma pessoa ou um ramo, porém, como Família no âmbito local, nacional e internacional. Cada ramo deve contribuir com sua longa história de serviço junto às pessoas sem teto, com sua experiência, seu profissionalismo e seus recursos para enfrentar juntos este desafio. De fato, o Papa Francisco destaca em sua mensagem: *“É necessário colaborar para construir... devemos empenhar-nos em garantir a cooperação internacional, solidariedade global e o compromisso local, sem deixar ninguém de fora”*.

Para este fim, gostaria de convidar os 160 ramos da Família Vicentina a tornarem-se colaboradores ativos na iniciativa da Aliança Famvin com as pessoas sem teto (FHA):

Contactar, caso ainda não o tenham feito, Yasmine Cajuste (fha.info@famvin.org), membro da Comissão de coordenação da FHA, para receber as informações e o material. Pode-se também visitar a página do site da FHA: vfhomelessalliance.org

- a) Compartilhar e enviar para Yasmine Cajuste a riqueza dos conhecimentos, da experiência e dos recursos que cada ramo adquiriu no trabalho com as pessoas sem teto.
- b) Introduzir este objetivo no plano anual das atividades do ramo específico que ainda não participa ativamente da FHA, em âmbito internacional, nacional e local.
- c) Compartilhar as informações da FHA com todos os seus membros para que cada um fique informado sobre esta iniciativa e estimulado a se tornar um participante ativo, com os demais ramos nos respectivos campos de serviço.
- e) Encorajar os membros a participar ativamente dos Conselhos Nacionais da Família Vicentina nos países onde eles estão constituídos. Nos países onde o Conselho ainda não existe, deve-se exortar os responsáveis dos ramos para se reunirem com o objetivo específico de se comprometerem conjuntamente na iniciativa da FHA.

A luta em defesa das pessoas sem teto é também uma resposta à Covid-19. Se uma pessoa não tem um lugar para viver, todos os demais esforços para acabar com a Covid-19 não terão o efeito desejado, porque as medidas preventivas e o tratamento médico, para que sejam eficazes, pressupõem uma moradia adequada.

A pandemia da Covid-19 trouxe-nos como indivíduos e como membros da Família Vicentina mundial muitas oportunidades e muitos desafios. Isto também será verdadeiro no período pós-Covid-19. O Papa Francisco lembra-nos constantemente que tanto o mundo quanto nós, como indivíduos, não podemos permanecer os mesmos depois da COVID-19; nós nos tornaremos melhores ou recuaremos e nos tornaremos piores; isto também é válido para a nossa Família Vicentina, para o nosso Movimento Vicentino. Durante este período da pandemia, tantas medidas maravilhosas já foram tomadas, sejam elas novas formas de encontros de oração, de colaboração na distribuição de alimentos ou outras iniciativas e, continuarão a ser tomadas no período chamado pós-Covid-19, unindo cada vez mais a Família.

Que a festa de São Vicente de Paulo seja uma oportunidade para assumirmos um compromisso comum, ajudarmo-nos no processo, para que na festa do próximo ano possamos anunciar com grande alegria que o objetivo da participação ativa dos 160 ramos da Família Vicentina na FHA tornou-se uma realidade, para glória de Jesus e para o bem dos pobres!

Desejo a todos uma profunda experiência da Providência que nos precede, enquanto entrarmos no tempo das oportunidades e desafios pós-Covid-19.

Que Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, São Vicente de Paulo, todos os Santos, Bem-aventurados e Servos de Deus da Família Vicentina continuem a interceder por nós e a inspirar-nos neste caminho!

Seu irmão em São Vicente,

Padre Tomaž Mavrič, CM
Superior geral

Carta de 27 de setembro de 2020

Queridas Irmãs,

Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

A festa de São Vicente é sempre uma ocasião para contemplar, mais uma vez, a pessoa de nosso Fundador, sobretudo, neste ano tão particular de 2020. O mundo passa por uma crise sem precedentes, a pandemia da Covid tem se apresentado como reveladora e amplificadora da pobreza e das desigualdades. São Vicente também viveu guerras, epidemias, miséria, fome... Ele motivou, foi inventivo, criou toda uma rede de caridade com as Confrarias da Caridade e depois conosco!

A força das suas mensagens impulsionou e impulsiona ainda hoje, as Filhas da Caridade: *“Sou perseguido com os perseguidos, maldito com os que o são; sou escravo com os escravos; estou aflito com os aflitos e doente com os doentes. É assim que deveis proceder para serdes boas Filhas da Caridade, para ir aonde Deus quiser; se for para África, para África, para o exército, (para cuidar dos feridos) para as Índias, para onde vos pedirem, sois Filhas da Caridade, deveis ir para lá...”* (SV, conf. de 18 de outubro de 1655, pág. 546-547).

São Vicente conhecia o mundo, a natureza humana e as engrenagens políticas. Ele não hesitava em enviar as Irmãs para todas as frentes de miséria. Ele o fazia com uma paixão inerente, porém, direcionada, para manter constantemente um equilíbrio que lhe permitia evitar a fatalidade que desanima ou paralisa e, a falsa ilusão de onipotência, que nos faz acreditar que a realidade se curvará aos nossos desejos ou ainda, que é possível não depender de ninguém. Estas são duas armadilhas que têm a mesma base: pensar que podemos agir "sem Deus".

É por isso que a ação missionária de São Vicente estava impregnada tanto do **realismo**, como de um **sentido de compromisso “fora do comum”**. Vejamos o que isto pode significar para nós, hoje.

O realismo

Sonhar é necessário, porque muitas vezes, o sonho permite a criatividade. Este é o ponto de partida para os diálogos construtivos, para a realização de novos serviços ou de sua revisão, para a participação em projetos com outros...

O Papa Francisco em sua exortação “*Querida Amazônia*” expressa quatro grandes sonhos: um sonho social, um sonho cultural, um sonho ecológico e um sonho eclesial. Embora este documento tenha sido elaborado depois do Sínodo da Amazônia e se refira, especialmente a esta grande região do mundo, é importante lê-lo ou relê-lo, pois, é possível fazer um paralelo entre estes quatro sonhos e os quatro desafios propostos à reflexão das Assembleias. De certa maneira, o Papa Francisco nos estimula a isto: “*a atenção da Igreja às problemáticas deste território obriga-nos a retomar brevemente algumas questões que não devemos esquecer e que podem servir de inspiração para outras regiões da terra enfrentarem os seus próprios desafios*” (Querida Amazônia, nº5).

Nossos desafios podem fazer-nos sonhar. Então, sonhemos, mas sejamos lúcidas. São Vicente era um homem com os pés no chão. Ele observava o tempo necessário e depois, passava a ação. A seu exemplo, tenhamos a preocupação de conhecer e de amar o mundo, o mundo como um todo, para melhor compreender a realidade do nosso cotidiano. Esforçar-se para compreender permite relativizar as dificuldades, julgar com maior nuance, aceitar melhor as diferenças e compartilhar mais espontaneamente suas riquezas. “*Ninguém é tão pobre que nada possa compartilhar*” (Jean Rodhain, Fundador da Caritas na França).

O realismo é uma condição necessária para responder efetivamente às necessidades urgentes, mas também de forma mais sustentável. Nós experimentamos isto com a pandemia da Covid. Em situação de emergência, o conhecimento da realidade e a proximidade com as pessoas mais pobres permitiram a cada uma, de forma muito rápida, apoiar, ajudar

Carta de 27 de setembro de 2020

e acolher com eficiência e prudência. Um grande número de Províncias se organizou na área da saúde e na distribuição de alimentos. Temos ainda outros exemplos que chegam até nós (Líbano, Indonésia, Paraguai...) Atualmente, na Bielorrússia, com outras circunstâncias difíceis, temos três Comunidades (nove Irmãs, sendo cinco bielorrussas e quatro polonesas), onde as Irmãs continuam corajosamente o seu serviço junto à população.

O realismo de São Vicente nunca foi um obstáculo e o medo não o paralisava. Ele sabia que “*os inícios das obras importantes são sempre difíceis*” (São Vicente, 13 de junho de 1659, Coste VII, pág. 593). E quantos medos às vezes sentimos!

Atualmente, ao mesmo tempo que realizam os socorros de urgência, cada uma reflete com outras pessoas sobre como participar dos esforços de reconstrução, que será vital para uma grande parte da população. Isto levará um tempo: “*as obras de Deus não são feitas uma vez por todas, mas, pouco a pouco*” (São Vicente, 17 de janeiro de 1659, Coste VII, p. 438).

O espírito realista de São Vicente foi transmitido às gerações de Filhas da Caridade até os dias de hoje. Trata-se de uma maneira de ser que une todas as Províncias do mundo: um realismo que eu qualifico de aberto, ou seja, que torna possível dar um passo, humildemente, seguidos de outros, para responder aos sofrimentos atuais.

Um sentido de compromisso “fora do comum”

Penso que todas nós conhecemos a cena do filme *Monsieur Vincent* onde lhe atribuem esta expressão: “*fazer mais*”.

Ao longo de toda a sua vida, São Vicente realizou seus sonhos baseado na compreensão da realidade. Quando ele considerava que a justiça era desprezada e a miséria grande demais, ele saía de si mesmo e tomava decisões justas para comprometer-se plenamente e até o fim. “Fora do comum”, sim verdadeiramente, no sentido de não hesitar em abrir-se às novas formas de pobreza e executar até o fim suas iniciativas.

Ephata... São Vicente o viveu. Ele enviou as Irmãs para “fora dos muros”, “além das fronteiras”, para missões “fora do comum” na

época. Ele não escutou o “nós sempre fizemos assim”. Sua criatividade era sem limites sobretudo quando se tratava de responder às necessidades vitais. Vicente sabia que Deus guiava sua ação, dando a esta toda a sua intensidade. “*A verdadeira sabedoria consiste em seguir a Providência, passo a passo*” (SV, vol. II, de 6 de agosto de 1644, pág. 552).

Hoje, como não sonhar para além de nossas possibilidades, porém, comprometer-nos com possíveis respostas ao nosso alcance? A resposta pode ser: ter uma maior preocupação com a qualidade do relacionamento nas missões existentes, tornar-se mais consciente do testemunho comunitário, reencontrar coragem nos momentos objetivamente difíceis, ousar ter uma experiência missionária modesta, mas inovadora...

Pois, “fora do comum” não significa extraordinário, enorme ou mesmo original, mas, ir até onde o sofrimento está presente, onde as Irmãs deverão primeiro ouvir, antes de serem criativas, ou seja, responder ao chamado: *Ephata!* Abramo-nos e saiamos! Neste sentido, atualmente, já temos algumas iniciativas:

Na Província da África Central, em Rusumo na Ruanda, um anexo para o serviço de refugiados vindos de Burundi se tornará uma Comunidade com três Irmãs.

No Vietnã, a reconstrução da casa Anê Thành - Tà Ghênh, que pegou fogo no mês de abril está quase terminada. As Irmãs já retomaram a missão a partir de um alojamento provisório.

As Irmãs da Província de Chelmno-Poznan partiram para Marioupol na Ucrânia. É uma cidade situada na região leste do país, uma região onde a situação humanitária é trágica, com uma enorme pobreza devido aos conflitos armados que ainda não terminaram.

Hoje, São Vicente exorta as Filhas da Caridade a ousarem, seja qual for o lugar, seja qual for a situação. Se ele estivesse conosco, talvez nos achasse às vezes um pouco túbias em nossa fidelidade ao Cristo, pouco zelosas na prática de nossos votos e muito acomodadas em nosso estilo de vida... Logo, podemos rever todos esses pontos! No entanto, ele se alegraria em ver a coragem, a determinação das Comunidades em estar perto de seus irmãos e irmãs mais pobres, seu desejo de viver de uma forma

mais alegre e fraterna. A paixão em servir é uma realidade na Companhia. O contexto da Covid, os acontecimentos no Líbano, a luta das Irmãs com o povo para sobreviver na Venezuela ou em outros países, colocaram-na em evidência. Demos graças pelo que já se vive e ousemos olhar para o que poderíamos viver melhor.

Enfim, podemos intensificar nossa oração pelas Províncias que ainda não puderam celebrar suas Assembleias devido ao agravamento da epidemia e tantos outros imprevistos. Na Província Índia do Sul, as inundações dificultaram o deslocamento das Irmãs; na Província da América Central, um terremoto interrompeu o programa por 24 horas; na Irlanda, na manhã do início da Assembleia, foi declarado um novo período de confinamento. Em resumo, não faltam obstáculos e os Conselhos Provinciais estão demonstrando grande criatividade para enfrentá-los! Até hoje, trinta Províncias já terminaram suas Assembleias, de modo que ainda faltam vinte.

Sejamos realistas e conservemos o desejo da audácia, do cotidiano nas comunidades missionárias, orantes e fraternas! Escutemos São Vicente, quando ele envia as Irmãs para Metz. “..o fervor é como um fogo que abrasa todos os que dele se aproximam. Fervor, vem da palavra fogo; e quando queremos dizer em latim: a água ferve, dizemos ‘aqua fervet’. O fervor é um fogo que faz ferver e inflama, como o fogo faz ferver a água. É, por assim dizer, uma caridade inflamada...” (SV, conf. de 26 de agosto de 1658, pág. 815).

Feliz festa de São Vicente! Afetuosamente unida a todas pela oração,

Irmã Françoise PETIT
Filha da Caridade

PADRE ROBERTO GOMES, CM

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

Com as periferias no coração
O serviço dos pobres

I - DE ONDE VEM O CONVITE PARA “IR ÀS PERIFERIAS”?

Se procurarmos a palavra “periferia” no discurso oficial da Igreja, não a encontraremos com facilidade antes do ano de 2013. Naquele ano, durante o Conclave tendo por missão eleger um novo Papa, o Cardeal BERGOGLIO (ainda não era o Papa Francisco), e a utilizou:

“Evangelizar implica um zelo apostólico. Evangelizar pressupõe na Igreja a paresia (a audácia) de sair de si mesmo. A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir às periferias, não somente geográficas, mas também aquelas da existência: a do mistério do pecado, do sofrimento, da injustiça, a da ignorância e da ausência da fé, a do pensamento, de todas as formas de miséria”. (Pensamento partilhado pelo Cardeal Jaime Luca Ortega, cardeal de Havana).

“A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir às periferias”. Segundo o Papa Francisco, as periferias para onde a Igreja deve ir não são apenas as “periferias geográficas”, espaços geográficos, mas também as periferias existenciais. Estas realidades humanas marcadas pelo pecado, pela miséria, pelo sofrimento, pela injustiça, ignorância, ausência de Deus, falta de educação, etc.,



Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de Vocação

Eu... renovo as promessas do meu batismo

Em sua Exortação apostólica a Alegria do Evangelho (*Evangelii Gaudium*, EG 20-24), o papa surpreende o mundo inteiro e a própria Igreja quando ele diz claramente que deseja uma Igreja em saída e quando ele convida todo cristão e toda a comunidade a **discernir o caminho que o Senhor lhe pede para seguir** e de escolher para ser um verdadeiro discípulo missionário de Cristo:

“Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG n° 20).

Para alcançar "todas as periferias que precisam da luz do Evangelho", toda a Igreja e as pessoas consagradas, de modo particular, precisam se converter e mudar a sua mentalidade, caso contrário corremos o risco de nos tornarmos uma Igreja centrada em si mesma, assim como uma comunidade religiosa centrada em si mesma. O apelo do Papa é urgente:

“Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37)” (EG n° 49).

Mais claro que isso é impossível! O Papa Francisco pôs a Igreja em movimento na periferia. A sua longa experiência como pastor, teólogo e homem espiritual, permite-lhe denunciar um certo distanciamento da Igreja das periferias existenciais, enquanto a Igreja, geograficamente

falando, se espalhou por todo o planeta. Esta Igreja, que está em toda a parte, tornou-se, por assim dizer, aburguesada, fechada e distante das realidades humanas que, todavia, exigem a Palavra do Evangelho e o dinamismo da caridade. Quantos bispos, sacerdotes, pessoas consagradas e cristãos se fecharam numa vida de conforto sem risco e isolados da realidade.

O Papa é direto e claro. Conhecemos bem o seu estilo. Ele fala com franqueza e as imagens que ele utiliza são muito fortes. Ele denuncia *“desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu”* (EG nº 83). Ele denuncia *“os cristãos de salão; ele afirma que quando a Igreja se fecha em si mesma ela fica doente; ele denuncia também o mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal. É aquilo que o Senhor censurava aos fariseus: “Como vos é possível acreditar, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem do Deus único?” (Jo 5, 44). É uma maneira subtil de procurar “os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo” (Fl 2, 21). Reveste-se de muitas formas, de acordo com o tipo de pessoas e situações em que penetra. Por cultivar o cuidado da aparência, nem sempre suscita pecados de domínio público, pelo que externamente tudo parece correto. Mas, se invadissem a Igreja, “seria infinitamente mais desastroso do que qualquer outro mundanismo meramente moral”* (EG nº 93).

Está claro também para o Papa Francisco que, em todo caso, os marcadores claros das periferias geográficas e espirituais são a pobreza e a miséria. As periferias são povoadas por pessoas pobres e estes pobres são os excluídos: "não conseguiram integrar-se na sociedade humana". As periferias se formam por causa do abandono, da indiferença e de sistemas injustos que destroem o tecido social. Mas como podemos ver isto, como podemos entender isto se estamos longe desta realidade?

O chamado foi feito no número 187 da *Alegria do Evangelho*: *“Cada cristão e cada comunidade são chamados a serem instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai que é bom quer ouvir o clamor dos pobres: ‘Eu*

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

bem vi a opressão do meu povo que está no Egípto, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de libertá-los (...). E agora, vai; Eu te envio..’ (Ex 3, 7-8.10). E Ele mostra-Se solícito com as suas necessidades: ‘Os filhos de Israel clamaram, então, ao Senhor, e o Senhor enviou-lhes um salvador’ (Jz 3, 15). Ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto, porque esse pobre «clamaria ao Senhor contra ti, e aquilo tornar-se-ia para ti um pecado’ (Dt 15, 9). E a falta de solidariedade, nas suas necessidades, influi diretamente sobre a nossa relação com Deus: ‘Se te amaldiçoa na amargura da sua alma, Aquele que o criou ouvirá a sua oração’ (Sir 4, 6). Sempre retorna a antiga pergunta: ‘Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele?’ (1 Jo 3, 17). Lembremos também com quanta convicção o Apóstolo São Tiago retomava a imagem do clamor dos oprimidos: ‘Olhai que o salário que não, aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, está a clamar; e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo’ (Tg 5, 4) (EG n° 187).

Podemos conservar, entre outras, duas ideias essenciais para a continuação da nossa reflexão:

A falta de solidariedade para com as pessoas da periferia afeta diretamente nossa relação com Deus. Fechar os olhos, as orelhas, suas mãos... seu coração, diante dos nossos irmãos, é também fechar-se a Deus: “*Pois eu estava com fome e me destes de comer... ‘Em verdade eu vos digo, que todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes!’*” (Mt 25,35 e 40).

Nós somos os instrumentos de Deus para ouvir os pobres. Em outras palavras, somos instrumentos de Deus para ir às periferias humanas, existenciais, sociológicas... e se nos recusamos a ser esses instrumentos de Deus, adverte o Papa Francisco, isso "nos coloca fora da vontade do Pai e de seu projeto.

Estes dois pontos permitem-nos dar mais um passo em frente na nossa reflexão.

II - EXISTE UM FUNDAMENTO TEOLÓGICO QUE POSSA JUSTIFICAR ESTE DESLOCAMENTO ECLESIAL E ESPIRITUAL?

Desde as primeiras páginas da Bíblia, Deus aparece em movimento. Podemos dizer que a criação do universo e a criação do mundo é fruto desse movimento do centro para a periferia, de Deus para o nada. E desse nada, do "tohu bohu"¹ inicial, Deus criou um mundo que é hospitaleiro e acolhedor para cada criatura. Esta é a vontade inicial do criador.

A revelação bíblica apresenta Deus sempre como um "dinamismo de saída" que coloca o homem e a mulher no seu caminho em nome de Deus para as suas criaturas mais distantes: *“Na Palavra de Deus, aparece constantemente este dinamismo de “saída”, que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn 12, 1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: “Vai; Eu te envio” (Ex 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3, 17). A Jeremias disse: “Irás aonde Eu te enviar” (Jr 1, 7)”* (EG nº 20).

Pode-se então dizer claramente que é a própria revelação, o fundamento teológico de uma Igreja em saída, em direção à periferia. Deus é assim! Deus não é um ser solitário, isolado, egoísta e autossuficiente. Vou chocá-las dizendo que na verdade Deus NÃO é ABSOLUTO, nem quer ser. Como pode ser isto? Vocês me diriam. Na verdade, a palavra "absoluto" significa "sem ligação", "sem laços", "sem relação", "sem nuances"... Daí a ideia de um monarca absoluto, que governa sem se importar com ninguém e sem ouvir o menor dos conselhos. Bem, Deus não se comporta como um monarca absoluto. A sua onipotência só é compreensível e benéfica se for exercida no amor e por amor. É o amor de Deus que é todo-poderoso, a Sua misericórdia. Caso contrário Deus nos esmagaria pela sua onipotência: "Deus age não pela necessidade do seu poder, mas pela escolha da sua bondade guiado pela sua sabedoria"², diria o filósofo. A revelação divina manifesta o humano e o divino: "A revelação não é, portanto, antes de tudo, a presença de Deus, mas a saída de Deus de si mesmo para o mundo". No entanto, ao exilar-se na criação, Deus não permanece um estranho: Ele quis ser ouvido, ser visto, ser "conhecido" ou melhor, ser encontrado por um povo que o acolhesse. Este encontro entre o homem e Deus permanece único e indizível, ainda que seja dado a todo um povo e se espalhe no tempo: Ele se manifesta

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

"de muitas maneiras" (Lucas 1,1) sem que nenhum evento possa jamais esgotá-lo em sua totalidade..."³.

Mas ainda assim, a revelação bíblica impulsiona até o fim a ideia de "um Deus em saída", de um Deus que se dirige para a periferia, de um Deus de encontro. De fato, é a encarnação de Cristo que melhor expressa esta saída de Deus para a criatura e, entre eles, para os mais pobres e vulneráveis. Ele escolheu a condição do humilde e do pequeno para se encarnar. Porquê isto? Talvez porque são os humildes e os pequenos que são os mais acessíveis, os mais fáceis de encontrar.

Cristo encarnado, o Filho de Deus feito homem, é também o fundamento cristológico da ideia de uma Igreja em saída, de um dinamismo em direção à periferia. Certamente uma das imagens mais belas da Bíblia é a de Jesus "Bom Pastor". Ele conhece cada ovelha pelo nome, toma conta delas, leva-as a pastos verdes e sobretudo procura as ovelhas perdidas (Lc 15,3-7). A ovelha perdida do evangelho de Lucas representa aos olhos de Jesus a periferia. O pastor está tão convicto da importância desta ovelha perdida, que não hesita em deixar as noventa e nove outras e ir buscá-la. Somente uma ovelha vale mais do que noventa e nove... que loucura!

Finalmente, o Cristo do Evangelho de Mateus 25 se identifica com o menor dos irmãos: "Em verdade eu vos digo, que todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes!" (Mt 25,40). O poeta expressa ainda melhor o que estamos a tentar dizer: "Tive fome... tive sede... era estrangeiro... todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes (Mt 25,35-40). O que é dito, o que se revela nesta monumental página do Evangelho é transubstanciação. Jesus passa inteiramente para a substância dos pobres. Jesus inteiramente sob a espécie dos pobres. Jesus torna-se tudo na espécie dos pobres? Toda espécie de pobre transubstanciado em Jesus, uma vez que, assim como "Foi a mim que o fizestes" é uma outra maneira de dizer: "Este é o meu corpo" (Mt 25,26). De todos os necessitados do mundo, Jesus fez-se corpo, de todas as lacunas a sua plenitude... Este é o mistério da transubstanciação. Poucas pessoas pensam nesta transubstanciação, porque não é teórica e porque nos repugna pensar que Jesus é outro"⁴.

Em suma, a revelação bíblica da encarnação é também o fundamento cristológico da espiritualidade de sair para a periferia.

III - VICENTE DE PAULO VIVEU A ESPIRITUALIDADE DA PERIFERIA NO SÉCULO XVII

Perguntemos a Vicente de Paulo como ele teria falado sobre esta chamada para ir às periferias. Antes de mais, gostaria de deixar claro que a palavra "periferia" nem sequer aparece no vocabulário do Padre Vicente. Dito isto, o próprio Vicente de Paulo deslocou-se do centro para as periferias geográficas e espirituais do século XVII. Ele fez a Igreja se movimentar e colocou homens e mulheres no caminho das muitas e variadas periferias humanas e sociais daquele século...

O século do Padre Vicente é um século fragmentado. Há ricos e pobres, burgueses, senhores e uma multidão de miseráveis que não conseguiram sobreviver com dignidade. As migrações causadas pelas guerras, a angústia dos famintos, o abandono espiritual e humano dos camponeses, o desprezo pelas crianças abandonadas, a desumanização dos doentes, dos escravos galerianos... tudo isso o Padre Vicente testemunhou. Mas ele não se contentou em observar tudo isto de longe, ele se aproximou como o Bom Samaritano do Evangelho, ele deixou que a miséria dos outros entrasse em seu coração e ele a fez sua com todas as suas forças. Ele pôs tanta gente em movimento. Era a sua maneira de remover as barreiras deste mundo que estava se fechando como se fossem castas sociais separadas para sempre.

A audácia do Padre Vicente foi tal que ele enviou missionários e Filhas da Caridade para a Europa e para além dela durante a sua vida: Itália, Ilhas Britânicas, Polónia, Madagáscar e Ilhas Bárbaras. Isto começou em 1645.

*"A ideia de dar a conhecer o Cristo nas terras distantes enche de alegria o coração de Vicente"*⁵. Ele escreveu a Charles Nacquart em 22 de março de 1648, para anunciar-lhe que iria com outros companheiros para a Missão de Madagáscar: *"A Companhia lançou os olhos sobre vós, como a melhor hóstia que ela tem, para com ela homenagear o nosso soberano Criador, prestando-lhe esse serviço, juntamente com outro padre da Companhia. Ó meu mais do que queridíssimo Padre, o que diz vosso coração, face a esta notícia? Sentiria ele a vergonha e a confusão convenientes para receber tal graça do céu?"*⁶. Como vocês podem ver, ir embora, deixar tudo, é considerado pelo Padre Vicente como uma graça,

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

como um presente de Deus e como uma homenagem prestada ao nosso soberano Criador. Devemos lembrar que na época, a viagem de barco durava seis meses. Que as condições climáticas causavam a morte de muitos missionários. Alguns morreriam no barco antes de chegarem à missão. Vicente, por outro lado, não se deixou desencorajar. Ele sempre enviava missionários para essas terras distantes, apesar da morte de alguns.

Outro exemplo do zelo do nosso Padre Vicente pela missão em saída, é o fato de ter preparado os missionários muito antes de partir para Argel, terra do Islã: "haverão de se sujeitar às leis do país, à parte a religião, sobre a qual jamais discutirão, nada dizendo no sentido de desprezá-la"⁷.

O próprio Vicente de Paulo voltou-se para a periferia de seu tempo; mas também ajudou o clero de seu tempo a fazer o mesmo. Ele descobriu que os sacerdotes chegavam ao sacerdócio não por uma verdadeira vocação de serviço, imitando o exemplo do bom pastor do Evangelho, mas simplesmente para garantir um bom lugar e prestígio. Vicente, falando de si mesmo, confessou sua "busca mundana" por uma "honesta aposentadoria". Uma expressão que significa que o sacerdócio foi para ele um elevador social e econômico que lhe garantiria dias tranquilos no futuro. Ele então organizou "retiros para os ordinandos". Centenas de seminaristas foram ordenados entre 1631 e 1641 em Paris, tendo vivido o retiro de 11 dias em São Lázaro ou no Colégio de Bons Enfants. Estes homens, que poderiam ter-se tornado padres sem uma preparação adequada, descobrem com Vicente e sua equipe, a vida espiritual, a oração mental, a contemplação, o exame de consciência, a teologia, a moral, etc., e poderão aproveitá-la ao máximo. E como resultado, estes futuros sacerdotes celebrarão a Missa com dignidade e devoção, visitarão hospitais e os doentes, os prisioneiros. Eles irão catequizar, confessar. As conferências de terça-feira serão uma extensão destes retiros. Os sacerdotes que provaram a reflexão teológica e pastoral, a vida de oração em comum, a amizade sacerdotal... desejavam manter o fogo aceso pelos retiros dos Ordinandos. Um ponto muito importante para os membros das conferências de terça-feira é o compromisso permanente com a caridade.

"Quando o Padre Vicente morreu, as conferências das Terças-feiras contava com 250 membros. Vinte e dois bispos terão sido escolhidos entre os seus membros e haverá também fundadores de comunidades como Jean-Jacques Olier ou François Pallu (fundador das Missões Estrangeiras)⁸ e muitos

outros. No século XVII, não só veremos o Padre Vicente ir às periferias, mas também muitos missionários e padres diocesanos fazendo o mesmo.

Perguntemo-nos agora, onde é que Vicente de Paulo obtém tanta força, inspiração e criatividade pastoral e espiritual? Podemos simplesmente dizer que tudo lhe vem da contemplação de "Cristo em saída", da qual ele fala nestes termos:

“Consideremos o Filho de Deus. Oh! Que coração de caridade! Que chama de amor! Meu Jesus, dizei-nos vós mesmos, um pouco, por bondade: Quem vos tirou do céu para virdes sofrer a maldição da terra, tantas perseguições e tormentos que aqui sofrestes? Ó Salvador! Ó fonte de amor descido até a nós e humilhado até a um infame suplício. Quem assim mais amou o próximo do que vós? Viestes expor-vos a todas as nossas misérias, tomar a forma de pecador, levar uma vida de sofrimentos e sofrer uma morte vergonhosa. Existe, por acaso, um amor semelhante ao vosso? Mas quem poderia amar de um modo tão eminente e nobre como vós? Só Nosso Senhor amou as criaturas ao extremo de deixar o trono do seu Pai para vir tomar um corpo sujeito às enfermidades. E para que? Para estabelecer entre nós, por seu exemplo e por sua palavra, a caridade para com o próximo. Foi esse amor que o crucificou e que gerou esse fruto admirável de nossa redenção. Ó meus Senhores, se tivéssemos um pouco desse amor, permaneceríamos de braços cruzados?”⁹.

O que São Vicente contempla é a encarnação do filho de Deus: "dizei-nos, pergunta o nosso Padre Vicente a Jesus - dizei-nos por favor: Oh Jesus, quem vos trouxe do céu para vir à maldição da terra?" O que chama a atenção de Vicente? Somente Nosso Senhor, que é tão apaixonado pelas criaturas, é capaz de deixar o trono de seu Pai para vir e assumir um corpo humano.

Com seus olhos fixos no Cristo encarnado, Vicente contempla a saída do Filho de Deus do céu para vir salvar a humanidade. Poder-se-ia dizer que este deslocamento do Filho de Deus para as periferias humanas e terrestres, fazem São Vicente ficar admirado.

Obedecendo a gentil vontade de seu Pai, Cristo saiu do centro de si mesmo. Ele deixou seu paraíso, seu centro, e se exilou nas aventuras humanas e terrenas que conduzem à cruz. Ele viveu a sua "kenosis". Ou seja, esvaziou-se a si mesmo, esvaziou-se da sua condição divina que não reteve para si, mas abaixou-se, esvaziou-se, despojou-se e

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

assumiu a condição de escravo... Este é de facto o hino aos Filipenses que muitas vezes cantamos durante a oração das Vésperas (Fil 2, 6-11). O fundamento do dinamismo que Vicente de Paulo empurra é Cristo. Encontramos novamente o fundamento cristológico da Igreja em saída e da espiritualidade em saída.

IV - POR QUE A “ESPIRITUALIDADE DA PERIFERIA” NÃO PODE FUNCIONAR SEM UM TRABALHO CONSIGO?

O serviço aos pobres da periferia nem sempre é fácil. Nós somos "conservadores" por natureza. Naturalmente, gostamos de equilíbrio e evitamos o que nos perturba e quebra a nossa rotina.

Ir para a periferia com todo o nosso coração é uma aventura evangélica, eclesial e comunitária. Não se pode ir sozinho, senão há poucos que permanecem por estarem sozinhos. Para ir para as periferias humanas e geográficas é necessário e indispensável trabalhar sobre si mesmo.

Apresento-lhes alguns questionamentos:

- Você sonha com uma Igreja em saída, como quer o Papa Francisco e São Vicente também?

- O que as impede de sair para as periferias existenciais e geográficas? A instituição? O nosso conservadorismo? As estruturas antigas e ultrapassadas? O medo? Os nossos medos? O nosso aburguesamento? A dureza de nosso coração? A nossa indiferença? A nossa falta de fé? A nossa falta de entusiasmo e de zelo? A nossa falta de amor a Deus e ao próximo? Um falso conceito da vida consagrada? A acídia espiritual e pastoral?

Lembre-mos agora o que o Papa Francisco escreveu no *Evangelii gaudium*: “O problema não está sempre no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata duma fadiga feliz, mas tensa, gravosa, desagradável e, em definitivo, não assumida. Esta acédia pastoral pode ter origens diversas:

alguns caem nela por sustentarem projetos irrealizáveis e não viverem de bom grado o que poderiam razoavelmente fazer; outros, por não aceitarem a custosa evolução dos processos e querem que tudo caia do Céu; outros, por se apegarem a alguns projetos ou a sonhos de sucesso cultivados pela sua vaidade; outros, por terem perdido o contacto real com o povo, numa despersonalização da pastoral que leva a prestar mais atenção à organização do que às pessoas, acabando assim por se entusiasmarem mais com a «tabela de marcha» do que com a própria marcha; outros ainda caem na acédia, por não saberem esperar e quererem dominar o ritmo da vida. A ânsia hodierna de chegar a resultados imediatos faz com que os agentes pastorais não tolerem facilmente o que signifique alguma contradição, um aparente fracasso, uma crítica, uma cruz.

Assim se gera a maior ameaça, que “é o pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fê vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez”. Desenvolve-se a psicologia do tûmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a realidade, com a Igreja ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como “o mais precioso elixir do demônio» Chamados para iluminar e comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico. Por tudo isto, permiti que insista: Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (EG 82-83).

Para fazer parte da Igreja em saída, é preciso sair de nós mesmos, dos nossos intermináveis conflitos interiores. É verdade que alguns vão durar uma vida inteira. Mas vamos nos dar os meios para tentar sair desta situação. Ainda mais grave: às vezes, os consagrados entram nos mosteiros ou em comunidades religiosas para serem cuidados. Então ir em busca dos outros, ir para as periferias torna-se impossível, porque estamos sobrecarregados de nós mesmos. O "eu" é pesado, o "eu" é ditador e acaba por extinguir em nós a alegria do Evangelho e a alegria de partilhá-lo com aqueles e aquelas que dele necessitam.

Certamente, Deus pode salvar e salva sem precisar do nosso anúncio e de nossa ação; mas se não anunciamos, se não amamos de forma afetiva e efetiva, poderemos ser salvos? Não, porque falharíamos no nosso dever, porque não transmitiríamos a alegria que recebemos, o tesouro de

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

amor que nos salvou... isto significaria que a alegria da fé e do amor de Deus não seria significativa em nós. Se o encontro com o Senhor Jesus transformou nossas vidas, não podemos guardá-lo para nós mesmos. Se o guardarmos para nós mesmos, ele não nos transformou realmente e, portanto, a pergunta feita sobre a nossa salvação é legítima. Portanto, a evangelização em saída é necessária para a nossa identidade profunda.

Padre Roberto GOMEZ, CM

Notas:

- ¹ Le **Tohu-bohu** (hebraico: תְּהוֹ וְבוֹהוּ *Tohou va-vohou*, em francês Tohu va-bohu): é uma expressão hebraica que aparece em Gênesis 1:2 para descrever o estado do mundo logo após a sua criação. Tanto a literatura bíblica como a pós-bíblica concordam que este estado é inóspito e mesmo incompatível com a vida. O conceito foi retomado na língua francesa através da expressão **tohu-bohu** que descreve uma agitação confusa. Wikipédia consultada em 9 de março de 2020. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Tohu-va-Bohu>
- ² Guy SAMAMA, Peut-on se passer de l'idée de création ? In Press | « Pardès », 2001/2 N° 31, pages 139 à 164. Citation ici en p. 146 ; cf. <https://www.cairn.info/revue-pardes-2001-2-page-139.htm>
- ³ Cf. Encyclopédie Universalis au mot « révélation » : <https://www.universalis.fr/encyclopedie/revelation/1-la-revelation-dans-la-bible/>
- ⁴ François CASSINGENA-TREVEDY, *Étincelles II*, Ad Solem, Imprimerie Floch à Mayenne, 2007, p. 421-422.
- ⁵ Marie-Joëlle GUILLAUME, *São Vicente de Paulo - uma biografia*. Editora Record, RJ-SP, 2017, pág. 423.
- ⁶ SV, vol. III, correspondência, pág. 342, carta nº1020, para Charles Nacquart, padre da Congregação da Missão em Richelieu.
- ⁷ Marie-Joëlle GUILLAUME, *São Vicente de Paulo - uma biografia*. Editora Record, RJ-SP, 2017, pág. 440.
- ⁸ Idem, pág.270.
- ⁹ SV, volume XII página 269, conf. de 30 de maio de 1659, sobre a caridade.

ALGUMAS QUESTÕES:

- Partilhar um sonho do serviço aos pobres da periferia que nos enche de alegria
- Na sua Província e no seu país, quais são as periferias onde a Companhia está presente? Dê exemplos. Quais periferias humanas e geográficas precisam ser servidas?
- Nas Constituições e no pensamento de São Vicente e de Santa Luísa, que fundamentos teológicos e espirituais você encontra para fundamentar o convite do Papa dirigido a toda a Igreja para ir às periferias?

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

A vida religiosa na era digital

“Decifrar a Esfinge”

I - O QUE ESTÁ MUDANDO?

É comum encontrarmos pessoas dizendo que o mundo está mudado, que as coisas não são mais como eram antes. Na verdade, o mundo não mudou, o mundo está mudando! A rapidez com que os processos no campo das tecnologias da comunicação acontecem é algo nunca visto na história da humanidade.

Esta é uma constatação que qualquer cidadão ou cidadã pode fazer, por exemplo, ao entrar numa loja para comprar um aparelho celular. Aquele modelo adquirido há um mês, ou até quem sabe uma semana atrás já se tornou obsoleto. Isso vale para qualquer equipamento, aliás. A cada manhã ao acordarmos seremos surpreendidos com novos aparelhos, aplicativos, novidades digitais e surpresas de todo tipo. Tinha razão o poeta cearense Belchior quando dizia que “o que algum tempo era novo, jovem, hoje é antigo e precisamos todos rejuvenescer”. Esse “algum tempo” pode significar o tempo de cinco minutos atrás. Na opinião de Klaus Schwab, fundador do Fórum Econômico Mundial, a era digital está girando de acordo com padrões muito diferentes das outras eras. Estávamos acostumados a girar na velocidade linear enquanto agora a velocidade é exponencial (SCHWAB, 2004). A evolução tecnológica em todos os campos do conhecimento humano sempre se deu de forma lenta e gradual, sem comparação com os avanços estupendos obtidos hoje em dia. É como se houvésemos trocado o fusquinha por um carro de fórmula 1. Quando a gente olha para a pista o carro já passou!

II - “DECIFRA-ME OU DEVORO-TE”

Na antiguidade, o mito foi usado pelo dramaturgo Sófocles na tragédia Édipo rei, para uma reflexão sobre as questões da culpa e da responsabilidade dos homens perante as normas e tabus. Sem saber que tinha matado o próprio pai, Édipo foi para Tebas. No caminho deparou-se com a Esfinge, um monstro metade leão, metade mulher que lançava enigmas aos viajantes e devorava quem não os decifrasse. A Esfinge atormentava os moradores de Tebas. O enigma proposto pela Esfinge era o seguinte: “Qual o animal que de manhã tem quatro pés, dois ao meio-dia e três à tarde?” Édipo respondeu: “É o homem. Pois na manhã da vida (infância) engatinha com pés e mãos; ao meio-dia (na fase adulta) anda sobre dois pés; e à tarde (velhice) necessita das duas pernas e o apoio de uma bengala”.

A Era Digital é como uma esfinge que a cada minuto nos propõe novos enigmas a serem decifrados. Não existem roteiros previamente estabelecidos, respostas prontas ou fórmulas perfeitas. Estamos vivendo uma “nova versão de mundo”, algo totalmente diferente de tudo quanto a história humana já testemunhou.

“O problema é que para essa nova versão não existe manual de instruções, visto que o seu funcionamento está sendo construído de acordo com o uso. É um sistema aberto que evolui de acordo com as interações com o meio” (MAGALDI e SALIBI, 2018).

Sendo assim, o desafio é permanente e a missão nunca se conclui. Por outro lado, a tarefa de encarar a esfinge digital e tentar o quanto possível decifrar seus enigmas não cabe apenas aos pesquisadores ou especialistas nas áreas da alta tecnologia. Não resta dúvida de que os impactos, para o bem ou para o mal, dessa “nova versão” de mundo (o poder da esfinge) são sentidos em todos os campos da atividade humana e dizem respeito à humanidade inteira. Esse “deciframento” contínuo e inconcluso deve ser feito não somente nos laboratórios, universidades ou centros tecnológicos, mas é urgente que se faça também na família, na escola, na vida religiosa e consagrada por que não?

Édipo foi muito esperto e conseguiu o que queria. Oxalá tenhamos hoje a mesma sorte!

III – ALGUMAS PISTAS

Mas, se de fato, tentar decifrar os enigmas da Era Digital é tarefa que se impõe a todas as pessoas que vivem sobre a face da terra, precisamos de algumas pistas que nos ajudem a conhecer um pouco mais essa esfinge. Em outras palavras: que "versão de mundo" é essa que estamos vivendo? Quais são os seus traços principais ou mais relevantes? Indicaremos apenas alguns pontos:

a) **Este é um mundo multifacetado e interconectado**

Antes a difusão das informações acontecia de forma linear e quase sempre controlada pelos grandes grupos de comunicação, quando não pelos governos também. Quando se falava dos MCS Meios de Comunicação Social a velha fórmula "*Emissor – Receptor*" indicava uma hierarquia, uma relação de poder entre quem podia transmitir e quem podia receber. Agora essa relação virou de cabeça para baixo. O mundo em sua "nova versão" é o mundo das liberdades individuais onde a difusão de qualquer coisa é absolutamente descentralizada e todo mundo é capaz não apenas de ser "receptor", mas de emitir o que quiser, na hora que achar melhor. As mensagens colocadas nas redes sociais por indivíduos ou grupos sociais podem interessar somente a um pequeno número de pessoas, mas a depender do seu conteúdo pode "viralizar", ou seja, espalhar-se de forma instantânea e incontrolável atingindo milhares de internautas. Nas redes sociais se publica qualquer coisa (fotos, imagens, opiniões, denúncias, xingamentos, mentiras) e ninguém deve satisfação a ninguém, embora nos últimos tempos o Facebook, por exemplo, já esteja tentando impor certos limites, ainda que mínimos.

Além do mais, este também é um mundo em que ninguém está realmente longe de ninguém, mesmo que as distâncias geográficas entre as pessoas sejam enormes. Estamos definitivamente conectados uns aos outros, independentemente de quais sejam nossas opções religiosas, políticas ou sexuais. Vivemos em rede, todo mundo junto e misturado! Podemos ser contra ou a favor, apoiar ou rejeitar, mas a verdade é que

desta rede já não podemos fugir, exceto naqueles raros momentos em que desligamos o celular ou ficamos sem internet, o que para muitas pessoas significa uma quase morte social. Definitivamente não existe outra maneira de ser humano nos dias de hoje a não ser esta.

b) Um mundo de sociabilidades escolhidas

As novas tecnologias horizontalizaram os processos comunicativos de massa capacitando os indivíduos a serem provedores/difusores de informações. Cada pessoa, desde que tenha acesso a internet, é capaz de coletar e difundir informações a seu bel prazer. O uso da internet empodera as pessoas, aumentando sua sensação de segurança, liberdade pessoal e influência. Todas essas percepções têm um efeito positivo na felicidade e no bem-estar pessoal (CASTELLS, 2013) De fato, muitas pessoas hoje em dia já se acostumaram, por exemplo, a postar fotos, comentários, piadas e até mesmo ofensas pessoais nas redes sociais. O que parece valer mesmo é o sentimento ou o desejo pessoal de cada um e de cada uma. Parece que o mundo gira ao redor de mim e das pessoas do meu grupo social.

Neste sentido é curioso perceber de que maneira se formam os grupos sociais atualmente. A chamada “sociabilidade escolhida” (CASTELLS, 2013) é um dos traços principais da Era Digital. Já não são mais as relações de parentesco, vizinhança ou coleguismo que prevalecem na hora em que alguém decide optar pela inserção num determinado grupo social. Os grupos sociais são formados livremente a partir de interesses muito diversos, de acordo com as opções políticas, religiosas, sexuais e também os gostos, sentimentos, experiências e expectativas individuais. Esses grupos muitas vezes extrapolam os limites geográficos e culturais específicos nos quais tradicionalmente ocorriam os processos de socialização. Agora sim, vivemos realmente (virtualmente) na “aldeia global”. Porém, essa globalização possibilitada e favorecida pela internet é uma decisão individual de cada membro da rede e não é determinada por ninguém. Estamos todos(as) conectados(as), mas essa conexão é fruto da liberdade de cada um(a) de nós.

c) Um mundo de amplitude e profundidade

Não é apenas a mudança do “O que” e do “como” as coisas são feitas, mas também do “quem” somos afinal. A “nova versão” traz consigo

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

uma mudança radical de paradigmas em todos os campos. Engana-se quem pensa que o que houve foi apenas a troca do telegrama pelo WhatsApp, do telefone fixo pelo celular ou das fitas de vídeo que as pessoas alugavam na locadora pelo Netflix que assistimos no conforto das nossas casas. Foi muito mais do que isso, infinitamente mais! Na sua obra chamada “Gestão do amanhã” MAGALDI e SALIBI NETO afirmam que:

“Existe uma nova perspectiva de mundo. Esse sistema não é uma mera evolução incremental da anterior. Trata-se de uma versão que roda de acordo com uma lógica muito peculiar, distinta das precedentes. (MAGALDI e SALIBI, 2018).

Todas as revoluções tecnológicas que a humanidade conheceu (da máquina a vapor até a descoberta da eletricidade) impactaram de alguma maneira a nossa forma de SER e de ESTAR no mundo. A invenção da prensa mecânica por Gutemberg, para citarmos apenas um exemplo, teve uma grande influencia sobre os rumos da humanidade. O acesso aos livros democratizou a leitura e o conhecimento se expandiu enormemente. No entanto, as tecnologias advindas da nossa Era Digital produzem um impacto muito mais sistêmico, pois envolve a transformação de sistemas inteiros. Trata-se daquilo que MAGALDI e SALIBI NETO, na obra já citada, chamam de “Momento disruptivo”, ou seja, um choque tão radical que faz desabar não apenas este ou aquele andar, mas o prédio inteiro. Os autores dizem que:

“Ao iniciar o século XXI, o mundo entrou em uma verdadeira erupção. Organizações tradicionais paralisaram-se mediante o entendimento de que todo o conhecimento estabelecido ao longo de séculos de experiência valia muito pouco perante uma realidade desconhecida.” (MAGALDI e SALIBI, 2018)

Experimentamos, na verdade, uma mudança cultural sem precedentes na história. Não há nada que se assemelhe a isto que estamos vivendo hoje. Uma vez que a comunicação eficiente é uma característica fundamental da raça humana, a transformação da comunicação afeta todos os níveis das nossas vidas e, talvez (apenas talvez), leve a mudanças em nossas conexões cerebrais com o tempo (CASTELLS, 2013) Passamos agora a enxergar tudo com outros olhos, a partir de uma nova perspectiva de mundo. Reaplicar os modelos já existentes pode significar não somente

um retrocesso, mas uma sentença de morte. Isto vale para as empresas, a Vida Religiosa, as instituições em geral e as pessoas individualmente falando também.

IV - SAUDOSISMO

O saudosismo quase sempre surge nas conversas entre homens e mulheres com mais de 50 anos e isto vale também para religiosos e religiosas. Expressões como “No meu tempo não era assim” ou “Tudo mudou e mudou para pior” a gente encontra por ai em qualquer bate papo de boteco, fila de aposentados, banco de praça ou nos momentos de convivência em nossas casas religiosas. Fala-se muito de um tempo passado, muitas vezes idealizado como melhor do que este, e de um tempo presente que não agrada e não satisfaz as expectativas de quem já viveu outras eras. O “ontem” sempre seria melhor do que o “hoje”. No “ontem” eu estava bem seguro, mas no “hoje” me sinto perdido. No “ontem” eu acreditava, porém no “hoje” eu não consigo mais confiar.

Em si mesmo o saudosismo é uma coisa boa. Faz bem a alma e ao coração, afinal, lembrar o passado, sobretudo quando este passado, próximo ou remoto, apesar dos pesares, foi bem vivido e os motivos de arrependimento não existem e se existem são poucos. Como dizia aquela antiga marchinha de carnaval, “recordar é viver!”, pois recordar de alguma maneira é viver de novo o que se viveu. Este saudosismo é doce, é suave, é otimista. No entanto, existe também aquele saudosismo amargo, um sentimento triste que faz sofrer e que corrói pouco a pouco em nós os restos de esperança e de motivação para seguir vivendo. Um saudosismo assim desse jeito pode ser também um indicador de preconceito e discriminação. Não raras vezes ao enaltecer o passado que era bom nos esquecemos de que o Espírito de Deus de fato renova a face da terra (cf. Ap 21,5) e por isso mesmo é capaz de tornar o presente tão bom ou ainda melhor do que o passado. Abrir-se a ação de Espírito Santo é, portanto, abrir-se ao novo que surge a cada instante. Para conseguirmos isso, precisamos lutar contra os preconceitos arraigados lá no passado e nos abriremos corajosamente ao diálogo com os fatos do presente sem discriminar nada nem ninguém. Saudosistas amargos conseguem amargar a vida dos outros! Saudosistas abertos às moções do Espírito se alegram com o seu passado e vibram com as possibilidades do presente!

V - PARA QUE MUDAR AFINAL?

Esta é uma das perguntas mais comuns entre os saudosistas amargos. O raciocínio é mais ou menos o seguinte: se o passado foi tão bom por que não repetir as velhas fórmulas? Já dizia o ditado “em time que está ganhando não se mexe”! Diante das instabilidades e incertezas do presente não seria mais prudente deixar as coisas como estão, ou melhor, como sempre estiveram? Recorrendo ainda aos ditos da sabedoria popular: “Prudência e caldo de galinha não fazem mal a ninguém” ou “É melhor um pássaro na mão do que dois voando”. Os valores que construímos no passado significam a estabilidade da instituição enquanto que os novos que estão por aí não nos dão garantias de nada. Na melhor das hipóteses, os saudosistas amargos tentam postergar o enfrentamento do presente na base do “deixa como está para ver como é que fica”. É evidente que esse tipo de postura não vai levar a lugar algum.

Parece que foi mais ou menos este o sentimento dos apóstolos que estavam com Jesus no momento da sua ascensão. Eles queriam ficar por ali contemplando para sempre aquela visão magnífica. Para que descer da montanha e correr riscos lá na planície? Para que trocar a paz pela guerra, a glória que já tocamos com nossas mãos pelas incertezas do cotidiano? Armar três tendas e fixar-se para sempre naquele local maravilhoso na companhia de Moisés, Elias e Jesus, essa era a ideia. Inconformados, talvez eles tenham dito para Jesus: “Senhor, mas que ideia mais estapafúrdia essa!” Entretanto, para decepção dos apóstolos Jesus rejeita a proposta e convida-os a descer da montanha e assumir os desafios da planície. Jesus não era tão ingênuo a ponto de desconhecer os riscos da missão. Ele sabia que lá em baixo as coisas seriam muito complicadas, mas sabia também que não havia sido enviado para a montanha, e sim para a planície onde pulsa a vida, as dores e as alegrias humanas. A decisão de descer e assumir os riscos que o anúncio da Boa Nova carregava certamente não agradou aos discípulos. Depois, somente depois, é que esta compreensão se tornará possível.

Assim como os apóstolos, existem pessoas consagradas hoje em dia tentando buscar refúgio na montanha tranquila de suas instituições religiosas. São homens e mulheres com medo de descer à planície onde se encontram os grandes desafios do nosso tempo, a Era Digital. São

religiosos e religiosas que acreditam que o “ontem” foi melhor e conservar dessa maneira o passado é a opção mais conveniente. Para esses irmãos e irmãs a VRC é um modelo que não deve ser mudado. Defender as formas tradicionais então é a tarefa que se impõe. No máximo pode-se fazer “reformas” pontuais, desde que não haja riscos demasiados.

“Em geral, o ser humano se preocupa muito mais com o risco de experimentar algo novo do que com o perigo de manter o status quo em um ambiente em transformação.”
(MAGALDI e SALIBI, 2018).

A obra desses dois autores trata especificamente da área da administração de empresas, mas podemos trazer também esta reflexão para a realidade da VRC. Parece que a tendência, ao menos em algumas famílias religiosas, é recuar ou acomodar-se na sua “zona de conforto”. Dentre outros motivos, isto se deve a crescente diminuição dos seus quadros, carência de vocações, sustentabilidade financeira e às vezes a falta de novas lideranças ou de lideranças abertas a este novo mundo em que vivemos. Descer à planície se apresenta não raras vezes como tarefa difícil de ser feita! Melhor ficar nas tendas em segurança do que arriscar-se na planície desconhecida. O problema é que esta “segurança” não é tão segura como pensam alguns religiosos e algumas religiosas. O “momento disruptivo” em que vivemos é forte o suficiente para desestabilizar grandes e solidas instituições reduzindo a pó nossos castelos de sonhos.

VI - RISCOS SIM, OPORTUNIDADES TAMBÉM!

Os (as) saudosistas pessimistas (amargos) vêm na Era Digital apenas os riscos, os perigos que rondam nossas instituições. Ao contrário, os(as) saudosistas otimistas (doces) enxergam mais longe e por isso entendem que os riscos muitas vezes são novas oportunidades para avaliar a caminhada e crescer. Essas pessoas podem até ser idosas, mas se mostram jovens na hora de examinar a realidade e de assumir os desafios trazidos por ela. A idade cronológica não importa quando se tem abertura para o novo. São os visionários e visionárias que não se contentam em ficar reclamando das “novidades” do nosso tempo, mas se lançam na aventura cotidiana de tentar “decifrar a esfinge”.

É certo que os riscos são vários, uns mais, outros menos conhecidos. Talvez um dos maiores neste momento seja a possibilidade de disseminação de todo tipo de ódio racial, homofobia e outras formas de preconceito. Tudo isso pode ser “viralizado” a qualquer momento por qualquer pessoa nas redes. Além do mais, as redes sociais passaram a ser invadidas pelo que se convencionou chamar de “pós-verdade”, ou “Fake News” (notícia falsa). Não por acaso, em 2016, o Oxford Dictionaries escolheu “pós-verdade” como sua palavra do ano, definindo-a como forma abreviada para “circunstancias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’ ANCONA, 2018). A imagem pessoal ou a reputação de qualquer instituição pode ser afetada gravemente pela divulgação de mentiras nas redes sociais. Essa “invasão da mentira” começa a tornar-se uma preocupação, pois compromete a estabilidade social, política e econômica de que precisamos para viver. Infelizmente ainda não se achou o antídoto para conter esta doença. E o pior é que muitas vezes com a melhor das intenções, mas sem um mínimo de discernimento, replicamos o “Fake News” e ajudamos a espalhar o vírus da mentira no ciberespaço.

Quanto às oportunidades, assim como os riscos, são muitas. A Era Digital é a era das liberdades individuais. Estas liberdades, evidentemente, podem ser usadas para o mal ou para praticar o bem. Vivendo num mundo multifacetado e conectado é possível buscar e trocar informações, esclarecer, motivar, sensibilizar e assim mobilizar as pessoas para algo positivo. Hoje, inúmeras mobilizações sociais no mundo inteiro são articuladas a partir das redes. A luta em defesa dos direitos humanos, especialmente das minorias, encontrou na internet o seu maior aliado.

Por outro lado, as redes sociais também são oportunidades para criar espaços de discussão de temas os mais diversos. Engana-se quem pensa que o Facebook, por exemplo, foi criado para divulgar baixarias, ódios e preconceitos. As pessoas que se utilizam das redes para propagar seus recalques ou instintos raivosos, não são maioria. Que haja intolerância e ofensas por parte de alguns usuários não significa que o Face ou qualquer outra rede social tenha sido criada para esse fim. Podemos e devemos entrar nas redes para compartilhar coisas boas, coisas que possam de fato servir para o crescimento da humanidade ou dos valores humanos que existem na Era Digital.

Espaço privilegiado de compartilhamento neste mundo multifacetado e plural, as redes exigem também o respeito às diferenças. Eis aqui outra grande oportunidade! Na medida em que soubermos respeitar as diferenças ao invés de tentarmos convencer os outros internautas à base do autoritarismo ou do dogmatismo, seja ele político ou religioso, as redes sociais nos ajudarão a construir entre nós relações verdadeiramente transparentes e democráticas. Assim, não seria tolice afirmar que a Era Digital pode ser perfeitamente compatível com os valores do Evangelho de Jesus. O maior mandamento, o mandamento do amor ao próximo se traduz hoje por respeito, tolerância e compartilhamento solidário do que temos e do que somos. E essas mesmas redes sociais que propagam ódio, preconceito e intolerância também podem ser usadas como redes de solidariedade entrelaçando pessoas de diferentes credos religiosos, opções políticas ou sexuais.

VII - TRÊS PALAVRAS IMPORTANTES

São na verdade três atitudes que devemos ter se quisermos encarar os enigmas da esfinge.

A primeira é **ABERTURA**, ou seja, disposição para abrir mão de certas posturas que no passado recente eram consideradas inabaláveis. Quem acha que sabe tudo e se fecha ao novo que está entrando, ou melhor, que já entrou em nossas vidas, talvez não tenha condições de sobreviver nos dias de hoje. Quem não tem perguntas a fazer ou quem pensa que pode tirar dos seus arquivos antigos respostas para tudo, ficou para trás e já perdeu o bonde da história. A Era Digital é também a era dos novos aprendizados, um convite a desconstruir antigas “certezas” e encarar novas e ricas possibilidades. Assim, é importante resgatar, novamente, a relevância da humildade como fator de desenvolvimento pessoal, com o líder aprendendo a desaprender e se desapegando de suas certezas, muitas delas entranhadas nas profundezas de sua consciência. Ao criar o padrão de fazer perguntas instigantes com frequência, estimula-se a curiosidade e a inquietude provenientes da convicção de que tudo está em aberto. (MAGALDI e SALIBI, 2018).

A outra palavra é **DISCERNIMENTO**.

Sessão de Irmãs entre 25 e 40 anos de vocação

A parábola do joio e do trigo é extremamente atual. Hoje mais do que nunca, precisamos lançar um olhar crítico sobre a realidade que nos cerca. Não se trata de olhar a era digital para simplesmente condená-la. Atitudes como essa não resolvem. Joio e trigo estão misturados e separá-los de acordo com os critérios do Evangelho é tarefa nossa. Discernir é preciso! Quando olhamos a sociedade tecnológica em que estamos vivendo, percebemos que tudo está muito confuso! Milhões de mentiras fantasiadas de verdade (as chamadas “Fake News”) surgem a cada segundo nas redes sociais e as pessoas em geral se deixam influenciar por elas sem parar um segundo para pensar, refletir e muito menos discernir.

Diante desse quadro extremamente nebuloso, talvez a nossa maior contribuição nos dias de hoje e para os dias de hoje seja a de oferecer às pessoas, independentemente de classe social, opção política ou religiosa, elementos e critérios para que elas possam fazer um verdadeiro discernimento. Religiosos e religiosas deveriam ser, portanto, “animadores e animadoras do discernimento”. Provocar, animar e acompanhar processos de discernimento individual e comunitário: eis a nossa missão atual! Neste sentido, vale ressaltar a importância da prática do discernimento na formação das novas gerações da Vida Religiosa Consagrada. Essa prática não deveria acontecer rotineiramente apenas no âmbito interno das nossas congregações e/ou institutos, mas realizar-se nas instituições em que estamos trabalhando. Formar para o discernimento talvez seja hoje o maior desafio da vida religiosa.

No entanto, ressalte-se que para fazer qualquer processo de discernimento algumas condições básicas são necessárias. A primeira dessas condições é o **conhecimento**, o mais completo possível, da realidade. Ninguém pode fazer um verdadeiro discernimento se não possui os elementos necessários para discernir. Por exemplo, se alguém deseja discernir em primeiro lugar precisa conhecer **o objeto**, isto é, saber exatamente sobre o que vai ser discernido. Após obter um mínimo de clareza sobre o objeto, este alguém necessita ter em mãos o maior número possível de informações sobre este objeto, o que se apresenta como dados positivos e negativos. Então, não basta ter em mãos um celular de última geração para que alguém possa dizer que é uma pessoa “atualizada”. Cursos, seminários, palestras, momentos de estudo individual e comunitário sobre os temas mais importantes da Era Digital são muito importantes para quem deseja começar a decifrar os enigmas da esfinge.

Em segundo lugar, qualquer processo de discernimento exige das pessoas envolvidas um mínimo de *equilíbrio psicoemocional*. Pessoas doentes, deprimidas, estressadas, haverão de ter muita dificuldade para entrar neste processo. Por outro lado, é preciso entrar com os espíritos desarmados, isto é, sem ideias preconcebidas ou pré-julgamentos. Um mínimo de *isenção* é mais do que necessário, é imprescindível mesmo. Como é que eu posso discernir sobre algo que já foi decidido por mim? Também é preciso ter sabedoria para dar tempo ao tempo. Muitas vezes as pessoas, sobretudo os dirigentes, na ânsia de encontrar logo uma saída para os seus problemas individuais ou institucionais acabam por atropelar o processo. Os resultados em geral são catastróficos!

Por fim, além de tudo isso, quando se trata de um discernimento comunitário, é sempre bom ressaltar que ele só será verdadeiro se for um processo *dialogal* com ampla participação das pessoas envolvidas. Se o processo excluir alguém direta ou indiretamente interessado, já não será discernimento. Nesta mesma linha, processos nos quais não se respeitam a diversidade e o pluralismo acabam sendo uma grande farsa. Ninguém impõe nada a ninguém. Espera-se que as opiniões sejam bem fundamentadas e defendidas com firmeza, mas ao mesmo tempo espera-se também que elas estejam sempre abertas ao contraditório. Na “roda do discernimento” ninguém é superior a ninguém e todo mundo deve manter um profundo respeito às opiniões contrárias às suas. Ao final, os frutos do discernimento serão traduzidos em decisões concretas que vão afetar a vida das pessoas e/ou da instituição. Essas decisões devem ser, é claro, respeitadas e assumidas livremente, com honestidade e honradez. Quando se respeita todos esses pontos, o discernimento leva a um crescimento pessoal, comunitário e/ou institucional que faz bem para todo mundo.

E a terceira atitude que nos ajuda na tentativa de decifrar os enigmas do nosso tempo é a **OUSADIA**. Ao contrário do medo que paralisa, a ousadia nos impulsiona corajosamente na direção desses novos caminhos que estão se abrindo à nossa frente. O peso das instituições de Vida Religiosa às vezes é tão grande que não nos permite arriscar. Porém, hoje é ainda mais verdadeiro o ditado que diz “quem não arrisca não petisca”. Toda essa tecnologia trazida pela chamada “4ª. Revolução Industrial” (a popularização da internet, as máquinas inteligentes, a inteligência artificial e outras conquistas) está sendo apropriada por gente que questionou o seu modo de *ser* e de *fazer* e ousou investir no novo. Atualmente as empresas

mais lucrativas do mundo são aquelas que nasceram justamente da ousadia de um punhado de jovens como por exemplo Mark Zuckerberg, um dos criadores do Facebook. As “Startups” se multiplicam a cada dia transformando ideias em realidade e ajudando a humanidade a viver melhor. Essas pequenas empresas (algumas não tão pequenas assim) revolucionam o mundo a cada instante. A quantidade de aplicativos, por exemplo, que temos hoje à nossa disposição (na palma da mão) já é algo que impressiona. Alguém precisa de transporte? Chama o UBER. Quer ouvir música? É só baixar no celular. Está perdido na cidade? Entra em qualquer navegador. Negócios bancários? Baixa o aplicativo do seu banco. Tudo muito prático e rápido.

VIII – VAMOS DESCER A MONTANHA?

Sair do comodismo e das nossas “zonas de conforto”, descer até a planície exige um grande esforço e sempre comporta alguns riscos. “O enigma da esfinge” não é assim tão fácil de decifrar, mas também não é algo que esteja acima das nossas capacidades humanas. Foram estas mesmas capacidades que criaram a esfinge, afinal. A Era Digital é o tempo das perguntas, então perguntemos! Não nos contentemos com as respostas já carcomidas pelo tempo. Ousemos inventar uma Vida Religiosa diferente porque o nosso tempo é diferente. Regras, padrões, conceitos anacrônicos devem ser “reconfigurados”. Para isto somos convidados(as) a abrir sempre mais os olhos, a mente, o coração, procurando entre montanhas de joio o trigo precioso que é a vontade de Deus em nossas vidas.

Coloquemos as novas tecnologias à serviço da justiça e da paz. Usemos as redes sociais para disseminar a fraternidade, o respeito e a tolerância entre as pessoas. Que as tecnologias sejam nossas aliadas, aliadas do Evangelho, e não inimigas. Com abertura, discernimento à luz da Palavra e muita ousadia vamos decifrando o enigma e tornando a VRC atual, eficaz e coerente com a sua missão de ser “sal e luz do mundo” (...)

Padre Plutarco ALMEIDA, SJ

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província Rosalie Rendu (Grã-Bretanha-Austrália)

Os pobres nos evangelizam

Atualmente, moro em Yorkshire do Este, na grande cidade de Hull. Cada encontro é para mim um momento de graça onde me deixo ser evangelizada pelas pessoas que aqui vivem. Compartilharei agora dois desses encontros. (Os nomes são fictícios).

A primeira pessoa que me ensinou muito foi **Sally**, uma jovem mulher com um histórico de dependência, abuso e doença mental. Eu a conheci pouco depois de ter vindo para cá. Ela vinha buscar dinheiro para pagar as suas contas de luz e do gás. Por vezes, ela parecia tão desesperada que eu me sentia impulsionada a tentar encontrar doadores para ajudá-la.

Era frequentemente vítima do sistema injusto de sanções em relação aos seus auxílios sociais, o que significa que, se, por alguma razão, ela não pudesse se apresentar aos assistentes sociais ou se chegasse atrasada no recebimento das suas parcelas, estas eram suspensas durante semanas ou meses.

A sua situação deteriorou-se gradualmente, a sua saúde mental degenerou-se ao ponto de ser internada no hospital. Após algum tempo, ela foi diagnosticada com esquizofrenia e foi submetida a um tratamento médico. Depois que a sua saúde melhorou, ela recebeu ajuda de uma instituição de caridade e pôde beneficiar-se de uma assistência social, de uma psicológica e uma formação profissional. Ela trabalhava algumas horas e nós dávamos-lhe o alimento em vez de dinheiro.



Atualidades
da
Província

Testemunho das Irmãs

No Natal, quando Sally olhou para o presépio na nossa pequena Capela, disse-me:

- "Irmã, podemos rezar?"

- "Claro que sim", respondi. "Em qual intenção você gostaria de rezar?"

- Sally respondeu: "Gostaria de agradecer a Deus por tudo o que Ele fez por mim". Esta foi a resposta de alguém que tinha sido vítima da violência, da toxicodependência e da esquizofrenia grave. A profundidade da sua fé surpreendeu-me e, como Jesus, tive vontade de dizer: "Não encontrei tal fé em ninguém" (cf. Mt 8,10).

Dolly e Mick também me tocaram muito, as suas expressões de fé me inspiram e me comovem. Dolly era uma mulher viúva; o seu casamento tinha sido muito infeliz, principalmente por causa da sua conversão ao catolicismo. Mick, por sua vez, tinha perdido a sua esposa devido a um câncer particularmente agressivo e doloroso; sofrido pela dor da morte de sua esposa, ele se afastou de Deus. Dolly e Mick conheceram-se e finalmente, casaram-se.

Dolly é católica fiel e praticante. Um dia, para grande surpresa de Dolly, Mick pergunta-lhe se ele podia ir à missa com ela. Durante as semanas seguintes, ele continuou a acompanhá-la. Depois de ouvir falar sobre o programa "Percurso da fé" para pessoas interessadas na fé católica, ele desejou participar. Após um ano deste percurso, ele foi recebido na Igreja Católica e tem sido fiel a ela desde então. O que me impressiona é a forma como Dolly e Mick falam sobre a sua conversão. Para eles, entrar na Igreja Católica é como "voltar para casa".

Atualmente, a doença já não lhes permite ir à Igreja, por isso todas as semanas levo-lhes a Sagrada Comunhão. É muito bonito ver a intensidade da fé e da alegria deles quando recebem o Senhor na Eucaristia. Dizem-me frequentemente expressões da sua fé em Deus e isto têm-me ajudado a compreender melhor esta palavra de Jesus: "*Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo*" (Ap 3,20). Quando partilhei com eles estas palavras, ambos ficaram muito tocados porque abriram totalmente as suas portas ao Senhor e O deixaram entrar nos seus corações e nas suas vidas.

Irmã Teresa MATHEWS
Filha da Caridade

Centenário da Beatificação de Luísa de Marillac

“Encontramos uma forte mulher”

Em 9 de maio de 1920, na Basílica de São Pedro, no Vaticano, teve lugar a solene cerimônia da beatificação de Luísa de Marillac. No interior da Basílica, foram colocados três quadros representando cada um dos três milagres aprovados para a beatificação; do lado de fora havia um grande quadro mostrando Luísa na glória. O profundo desejo das Filhas da Caridade foi realizado, a santidade da sua "Mãe" foi reconhecida pela Igreja; doravante, elas podem manifestar publicamente a devoção a Luísa presente em seu coração.

A Causa seguiu os procedimentos ordinários que duraram muitos anos: trinta e oito anos de preocupações, incertezas, esperanças e alegrias. Em 10 de junho de 1895, o Papa Leão XIII ratificou, por decreto solene, o parecer favorável da Sagrada Congregação dos Ritos para a introdução da Causa de Luísa de Marillac. Em 19 de julho de 1911, o Papa Pio X promulgou o decreto relativo à heroicidade das virtudes de Luísa de Marillac. Em 9 de março de 1919, o Papa Bento XV ordenou a leitura do decreto de aprovação dos três milagres obtidos de Deus por intercessão de Luísa de Marillac, tornando assim possível, no momento oportuno, celebrar a solenidade da sua beatificação na Basílica do Vaticano.



História
da
Companhia

A venerável Luísa de Marillac

O decreto de 10 de junho de 1895 foi um primeiro sinal de esperança. Após o primeiro pedido oficial da Companhia feito em 1882, a Igreja pronunciou-se pela primeira vez e "*a piedosa serva de Deus recebeu por direito o título de Venerável*". A Companhia acolheu esta boa notícia: primeiro, a festa da manifestação da Imaculada Virgem Maria da Medalha Milagrosa instituída pelo Papa Leão XIII em 27 de novembro de 1894 em memória da aparição da Virgem Maria à Catarina Labouré na Capela da Casa Mãe, rua du Bac em Paris, e depois a venerabilidade da Fundadora.

A promulgação deste decreto de 1895 encheu de alegria o coração das Filhas da Caridade. A Superiora geral, Irmã Lamartinie, partiu para Roma para expressar ao Sumo Pontífice a profunda gratidão das "*duas famílias de São Vicente*". No seu regresso a Paris, um ato solene de ação de graças foi celebrado na capela da Casa Mãe. Em seu discurso, o Superior geral, Padre Fiat, disse: "*Devemos dar graças a Deus pela disposição que Ele fez desta venerável serva, que, embora doente, realizou obras admiráveis. Devemos dar graças a Deus por ter feito dela um modelo completo das virtudes que devem brilhar nas Filhas da Caridade*"¹.

Em 1895, o Arcebispo de Paris autorizou a todas as comunidades das Filhas da Caridade, presentes em sua diocese, celebrar um ato solene para dar graças a Deus e obter a pronta beatificação da sua venerável fundadora. Naquele ano, em 25-26-27 de novembro, o pároco da Igreja de São Lourenço (Saint-Laurent), onde Luísa de Marillac foi enterrada em 1660, organizou um tríduo solene em ação de graças para coincidir com a festa da manifestação da Medalha Milagrosa e mostrar tanto a sua devoção à Virgem Imaculada como o seu profundo respeito pelas Filhas da Caridade. Nas portas de todas as Igrejas de Paris, cartazes indicavam o programa deste Tríduo assim como os nomes dos dois pregadores para as meditações vespertinas: Dom Jourdan de la Passardière, Bispo auxiliar de Paris, antigo Bispo titular de Roséa (na Ásia Menor), e Dom Hulst, Reitor do Instituto Católico de Paris. Estes dois grandes oradores atraíram uma enorme multidão à Paróquia de São Lourenço (Saint-Laurent).

Cada comunidade de Paris enviou, alternadamente, um grupo de Irmãs para participar; para elas foi um grande consolo visitar esta Igreja

que é como um santuário, haja vista que foi onde "a sua venerável Mãe rezou, chorou, e durante muitos anos foram guardados os seus preciosos restos mortais"². Pela primeira vez numa Igreja, as Irmãs ouvem o relato da vida de Luísa de Marillac apresentada publicamente por pessoas com autoridade na Igreja, e não apenas por um "membro da Família". "Como nós a glorificaremos, senão inspirando-nos do espírito que a animava, cada um segundo a sua própria condição? É agindo assim que honraremos aquela que amamos", diz o Reitor do Instituto Católico de Paris. Em 27 de novembro, no terceiro dia do tríduo, o Bispo Jourdan de la Passardière disse: "Hoje, a Igreja de Paris celebra esta aparição de Maria a uma filha de São Vicente de Paulo e Luísa de Marillac. A glória da filha recaí sobre a mãe, foi a santidade da mãe a causa deste insigne favor e, conseqüentemente, estudaremos a consumação da santidade na venerável serva de Deus. Gostaria de vos mostrar esta admirável mulher, imbuída de uma tal devoção a Maria Imaculada que esta devoção encontra, no milagre cujo aniversário celebramos, a sua recompensa e coroação, e que se resume em algumas palavras a festa do dia e da vida do venerável: a santidade na caridade"³.

Por ocasião da promulgação deste decreto, são celebradas cerimônias solenes de ação de graças em várias cidades de França. Em Montpellier, o Bispo publicou uma Carta Pastoral na qual convocou o clero e os fiéis a uma celebração de ação de graças. "Vós sabeis o quanto a França, e até mesmo toda a catolicidade deve ser grata à piedosa família das Filhas da Caridade. [...] Após um silêncio de duzentos e trinta e cinco anos, o túmulo de Luísa de Marillac ... foi visitado mais uma vez pelo som de louvores e aclamações. Hoje, a voz infalível do Vigário de Jesus Cristo ressoa sobre esta pedra tumular para celebrar a sua grandeza..."⁴.

"Encontramos uma mulher forte, para honra e glória da França Católica, Luísa de Marillac"

Estas são as primeiras palavras do decreto de heroicidade das virtudes de Luísa de Marillac lido em 19 de julho de 1911 na presença do Papa Pio X; este decreto proclama solenemente que: "a venerável serva de Deus Luísa de Marillac praticou em grau heroico as virtudes teologais de fé, esperança e caridade para com Deus e o próximo, bem

Centenário da Beatificação de Luísa de Marillac

como as virtudes cardeais da prudência, da justiça, da temperança, da fortaleza e as relacionadas com elas, de tal maneira que foi possível proceder a discussão a respeito dos quatro milagres". Em 19 de julho de 1911, a Irmã Maria Mauche, Superiora geral, esteve no Vaticano com trezentas Filhas da Caridade e o Diretor geral para participar desta impressionante cerimônia.

Em 15 de agosto de 1911, a boa notícia foi anunciada à Companhia através de uma Carta Circular do Padre Fiat: *"Este é o decreto, minhas queridas Filhas, que tenho hoje o prazer de vos comunicar. Deve ser guardado nos arquivos de cada casa como um depósito sagrado: como um monumento à elevada consideração da Igreja pelos méritos da sua venerável Mãe"*.

O Superior geral continuou: *"Nunca a vossa venerável Mãe recebeu elogio semelhante; ele não é apenas o mais glorioso, mas também o mais completo na sua concisão... Já não precisamos mais procurar: pois, encontramos", disse a Vigária de Jesus, "uma mulher forte, Luísa de Marillac". Logo, ela é classificada com a Mônica, a Elizabeth, a Francisca de Chantal, etc. Mulher forte, Luísa de Marillac é declarada, sem hesitação, para a honra e glória da França católica... Jamais sonhastes com tal honra para a sua piedosa e amada Mãe?"*

Nesta ocasião, o Padre Fiat recomendou para toda a Companhia, três novenas sucessivas: uma em ação de graças, com a recitação de um *Magnificat*, um *Pai Nosso* e uma *Ave Maria*, outra para pedir a Deus o espírito primitivo e vocações, e uma terceira para solicitar a glorificação de Luísa de Marillac e os milagres necessários para a sua beatificação.

No momento da publicação deste decreto, foram introduzidos três milagres: em 1902, na diocese de Brixen, Áustria, e dois na Espanha, em 1908 e 1909.

O processo foi longo, vários milagres foram rejeitados. As Irmãs rezaram e encorajaram os doentes a pedir a cura através da intercessão de Luísa de Marillac. Em 1914, o Padre Villette, Superior geral, expressou a sua preocupação perante alguns Cardeais que responderam: *"Não temam; a Senhora Le Gras será beatificada; discute-se sobre este ou aquele milagre, outros serão apresentados. Mas, afinal, para que precisamos de um milagre? Será que esta maravilhosa Companhia das Filhas da*

Caridade, a sua indiscutível propagação, as suas admiráveis obras, não seria isto o que há de mais belo, o mais convincente dos milagres, vendo que a Fundadora das Filhas da Caridade está no céu, que é poderosa lá, que anima as suas filhas, que as enche de ardor? Tenha confiança, ela será beatificada após a guerra; será a resposta de Deus à dedicação das Irmãs"⁵. O Padre Verdier disse às Irmãs em 1921: "*Milagres? A santa Igreja autenticou três: "Não são os únicos que Luísa realizou. Li cerca de cinquenta deles nas intervenções das testemunhas do processo de beatificação. Quantos outros nunca foram publicados porque a oportunidade não se apresentou ou porque os médicos dificultaram a apresentação dos atestados exigidos*"⁶.

A poderosa intercessão de Luísa de Marillac

Sim, Deus respondeu à dedicação das Irmãs; em março de 1919, a comissão de investigação comunicou a sua decisão final e declarou solenemente: "*Está provado que três milagres se realizaram*" pela intercessão da Serva de Deus, a venerável Luísa de Marillac.

*"O primeiro, a cura perfeita e instantânea de José Maria Héleut, de uma otite média purulenta, com perfuração do tímpano e acompanhada de fenômenos de osteíte e periostite na região mastoide; a segunda, a cura instantânea e perfeita da Irmã Maria Ferrer e Nin, de uma mielite compressiva pós-traumática; a terceira, a cura instantânea e perfeita de Rose Curlo, de uma úlcera fistulosa"*⁷.

O decreto foi lido na presença do Papa. Estiveram presentes na cerimónia várias Filhas da Caridade e o Padre Verdier, Vigário geral, que expressou a sua gratidão ao Papa Bento XV usando as palavras do outro decreto que atribuiu à Luísa de Marillac o título de "*mulher forte*". "*Encontramos a mulher forte na humilde e admirável Luísa de Marillac... Forte, ela é forte no seu espírito, no seu coração, na sua vontade, em toda a sua alma... Em Deus que a fortalece, em São Vicente que a guia, ela pode fazer tudo e realizar milagres de caridade, um prelúdio aos milagres que acabam de ser solenemente proclamados e autenticados. Em toda a verdade, os detalhes da sua vida e obras mostrá-lo-iam luminosamente, Luísa de Marillac é de fato a mulher forte; e muito obrigado, Santíssimo Padre, por ter dito isto a todo o mundo, obrigado em nome da família*

Centenário da Beatificação de Luísa de Marillac

de São Vicente... Na glorificação desta mulher verdadeiramente forte, porque é verdadeiramente cristã, não me é permitido ver uma lição muito atual para as mulheres de hoje?”⁸.

O Papa responde aos agradecimentos com um discurso em que volta a elogiar Luísa de Marillac: *“Basta prestar atenção ao que constitui o verdadeiro caráter de Luísa de Marillac, como todos sabem, é a caridade. Luísa de Marillac foi associada às fundações de São Vicente de Paulo, que inspiram somente o amor a Deus e ao próximo; é a caridade que dá o nome às suas filhas; porque não dizer que “a Mãe das Filhas da Caridade” não tinha outro lema a não ser a caridade? A sua nobre figura está sempre adornada com o diadema da caridade..Basta, portanto, olhar para ela, ou simplesmente recordá-la, para dela se extrair a mais eloquente exortação à prática do amor de Deus e do próximo.... Os milagres que a Santa Sé acaba de aprovar tiveram lugar em França, Espanha e Itália. Aqui estão três Irmãs que representam a humanidade, para que todos compreendam que, se quisermos ter parte aos benefícios da caridade, devem recorrer à Venerável de Marillac”⁹.*

A partir de agora, tudo o que falta fazer é fixar a data da beatificação. Ao mesmo tempo, a Companhia alegra-se em saber que as quatro Filhas da Caridade de Arras guilhotinadas em Cambrai durante a Revolução Francesa seriam beatificadas com os outros mártires da Revolução (o processo de beatificação tinha sido solicitado e seguido pela diocese de Arras). A data de 9 de maio (1920) foi escolhida para Luísa de Marillac e a de 13 de junho para os Mártires Arras.

A beatificação de Luísa de Marillac: “Bem-aventurada Luísa de Marillac, rogai por nós”

A beatificação da Fundadora das Filhas da Caridade é um acontecimento de tão grande importância que deveria ser solenizada de uma maneira totalmente excepcional por uma grande representação da Companhia às celebrações que aconteceriam em Roma.

A Superiora geral convocou as Visitadoras do estrangeiro, cerca de noventa, bem como as Irmãs Serventes das Comunidades da França e várias Irmãs da Casa Mãe para participar das festividades. Em 5 de maio de 1920, *“um vagão inteiro de corneta partiu de Paris para a Cidade*

Eterna"¹⁰. "Cada uma das três províncias italianas recebeu autorização para enviar vinte e cinco Irmãs, independentemente das Comunidades de Roma e da região, à qual foi dada uma participação maior. Além disso, o tradicional buquê de flores, oferecido ao Sumo Pontífice em 9 de maio, é preparado pelas Casas Provinciais de Turim, Siena e Nápoles que tinham solicitado esta graça.

Em 9 de maio, as Filhas da Caridade, presentes em Roma, escutam com emoção e gratidão as palavras do Decreto de Beatificação que afirma, entre outras coisas, que: *"Não é sem um sábio desígnio da Providência de Deus que em nossa época, quando toda a Europa sofria uma guerra cuja raiva furiosa devastou sobretudo as províncias francesas, esta filha da França católica, ornamento e glória da sua nobre pátria, apóstola da caridade e do amor mútuo entre os homens, deveria ser elevada às supremas honras dos altares.*

Após a cerimônia da tarde, um ato solene de ação de graças, uma delegação oficial, incluindo o Padre Verdier, Superior geral, a Irmã Émile Maurice, Superiora geral e o Postulador da Causa, ofereceu ao Soberano Pontífice um relicário contendo um fragmento dos ossos da Bem-aventurada, o tradicional buquê de flores artificiais e a "Vida da Beata". Imagens de Luísa de Marillac e a história da sua vida são distribuídas aos Cardeais e aos muitos Arcebispos, Bispos, prelados presentes e outros convidados.

Durante a audiência habitual após as cerimônias de beatificação, em 15 de junho de 1920, o Papa Bento XV dirigiu-se uma vez mais às Filhas da Caridade: *"Queremos concentrar a nossa atenção especialmente nas duas beatificações da família das Filhas da Caridade pelas quais tivemos o prazer de inaugurar e concluir esta série de festas; isto é, a da Bem-aventurada Luísa de Marillac, vossa fundadora, e a das quatro Irmãs martirizadas em Cambrai, e queremos ver nelas aquela caridade que as tem animado e sustentado constantemente... Estais encarregadas de continuar a obra de vossa Mãe. São chamadas "Filhas da Caridade", não devido à multiplicidade, à variedade das vossas obras, pois então poderiam ser chamadas: "Mães de Beneficência" ou "Irmãs da Misericórdia". Mas vós sois "Filhas da Caridade", ou seja, Filhas do amor de Deus na sua forma mais pura, e a vossa caridade deve ser ordenada, tendendo sobretudo e acima de tudo ao bem, à salvação das almas"*¹¹.

Centenário da Beatificação de Luísa de Marillac

O Papa Bento XV nunca deixa de mostrar a sua benevolência para com as Irmãs. Ele permite que cerca de vinte delas participem da Missa na sua Capela privada. Para a Missa, foi consagrado um cálice oferecido para a beatificação das nossas Irmãs de Arras e foi o próprio Pontífice quem deu a comunhão às Irmãs. Depois da Missa, ele dedica tempo para falar e até mesmo brincar com elas. De fato, no dia 9 de maio, a Superiora geral tinha-lhe enviado um pequeno presente com estas palavras: "*As filhas mais afortunadas da bem-aventurada Mãe*". Quando Bento XV leu, expressou a sua satisfação e acrescentou: "*Então! As filhas são mais afortunadas do que a Mãe, sendo bastante afortunadas, enquanto que a Mãe é apenas bem-aventurada*"¹².

Na Capela da Casa Mãe há um altar sob o qual os restos mortais de Luísa de Marillac foram colocados em uma urna. Acima do altar, há um alto relevo, a Santíssima Virgem está sentada, ela segura o Menino Jesus no seu colo; São Vicente acolhe Luísa de Marillac com um ar gracioso e duas Filhas da Caridade que a contemplam com admiração. Na canonização de 1934, este altar foi completamente modificado.

“Uma alma que foi menosprezada e que a Igreja exaltou!”

A beatificação de Luísa de Marillac provoca uma onda de alegria, de reconhecimento e de orgulho não só entre as suas Filhas em todo o mundo, mas também na França, o seu país. Por exemplo, um conselheiro municipal do bairro de São Victor em Paris e alguns dos seus colegas propuseram que uma rua em Paris, perto da Igreja de São Nicolas de Chardonnet, recebesse o nome da nova bem-aventurada¹³. Mas a proposta foi rejeitada.

O jornal católico "La Croix" publicou um longo artigo sobre a sua vida com o título "*Uma alma que foi menosprezada e que a Igreja exaltou*"¹⁴. Na introdução, afirma-se: "*Ela tinha-se humilhado, sim; mas ela, a violeta, sempre escondida, após séculos, a Igreja está prestes a erguê-la; ela proclama-a bem-aventurada. Poderemos já invocá-la. Bem-aventurada Luísa de Marillac, rogai por nós*". O artigo termina com esta breve oração: "*Ó bem-aventurada Luísa de Marillac, vivestes tempos piores do que agora, após terríveis epidemias, após os horrores de duas guerras, a guerra estrangeira e a guerra civil. A vossa bondade contribuiu*

para acalmar tudo. Multiplicai-a em nosso meio, com a paz inalterável de que vós desfrutastes".

Naquele ano de 1920, vários Bispos da França convidaram os fiéis a unirem-se a estas canonizações e beatificações e a darem graças a Deus pelos novos santos e beatos de França: canonização de Joana d'Arc e Margarida Maria Alacoque, beatificação de Luísa de Marillac e dos mártires de Arras.

O Bispo de Quimper e de Lião disse: *"Luísa de Marillac entrou na história pela porta da humildade e da caridade, dedicando-se aos pobres, aos doentes, às crianças... É mérito de Luísa de Marillac ter sido a primeira, em meio a tantas jovens camponesas com as quais ela compartilhava toda a maneira de viver, a dar o exemplo de uma perfeição tão elevada como as do claustro e de ter levado na sua alma como na alma da sua Congregação, ao grau mais heroico... Sua beatificação irá alegrar e encorajar todas as mulheres de ação no mundo que se dedicam à piedade, à caridade, ao apostolado, à educação e as diversas obras de misericórdia corporal ou espiritual....*

O Bispo de Sens disse: *"Talvez muitos de vós, nossos caríssimos irmãos, ignorassem ainda o nome da nova bem-aventurada. Nada responde melhor do que um tal aniquilamento às ambições de uma alma tão profundamente humilde; mas chegou a hora de ser glorificada aquela que fundou a Companhia das Filhas da Caridade sob a direção de São Vicente de Paulo. Para quem não está familiarizado com os detalhes da sua vida, é pelo menos admissível conhecer a mãe através das suas filhas. Se vistes a corneta branca... consagrando-se ao serviço daqueles a quem chamam "nossos senhores e mestres, os pobres", podeis julgar por isto o que foi a iniciadora de toda esta devoção. É correto trazer-lhe a glória, pois foi pelo seu exemplo que as primeiras Filhas da Caridade foram formadas, e as Irmãs de hoje não têm outro ideal senão aquele de que Luísa de Marillac foi o modelo vivo".*

O Arcebispo de Paris escreveu na sua carta pastoral: *"Luísa de Marillac é a Caridade generosa para com os homens; é a compaixão solidária pelos que sofrem, pelos pobres, pelos doentes, pelos órfãos, por todo o tipo de miséria. Luísa de Marillac pertence especialmente à nossa diocese pelo seu nascimento, pela sua vida, pelas suas obras, pela sua*

Centenário da Beatificação de Luísa de Marillac

morte e pelo seu túmulo...Seus preciosos ossos repousam desde 1824 no santuário onde a Virgem da Medalha Milagrosa se dignou aparecer”¹⁵. E convida os parisienses para as celebrações organizadas em sua honra: *“Celebraremos, na Igreja de São Sulpício, um tríduo solene em honra da nova bem-aventurada. Toda a Paris católica virá. Tenhamos a confiança para honrá-la e invocá-la como um admirável modelo de santidade e como uma grande benfeitora da humanidade. Nós nos uniremos a ela em nossas homenagens, às suas Filhas mártires, as Filhas da Caridade de Arras, que foram mortas por causa do ódio à religião durante a Revolução”*.

Celebrações em honra da bem-aventurada Luísa de Marillac e das quatro Filhas da Caridade, mártires de Arras

A Casa Mãe preparou a celebração de um Tríduo: dois dias em honra à Fundadora e um dia em honra das suas Filhas mártires. Como a Capela da Rue du Bac é demasiada pequena, a Igreja de São Sulpício foi escolhida para permitir que todos (Irmãs, Irmãs do Seminário, Irmãs Idosas, fiéis, crianças e jovens) participassem nestes três dias de celebração. Tudo foi organizado nos mínimos detalhes: liturgia, hinos especialmente compostos, cantos, decorações, participação dos diferentes grupos... Cada dia, um distinto convidado faz uma descrição sobre a vida da bem-aventurada; o Cardeal Amette celebra os ofícios pontifícios.

Na Capela da Casa Mãe, as duas famílias vicentinas reuniram-se para celebrar a beatificação: primeiro uma grande missa, cantada pelo pároco de São Francisco Xavier (a paróquia da Casa Mãe), depois a cerimônia da noite, presidida pelo Cardeal Amette e o panegírico, apresentado por Dom Chollet, Arcebispo de Cambrai.

Em seguida, em toda a França e nos países onde as Filhas da Caridade vivem, são organizadas celebrações festivas em ação de graças.

Em Arras, celebrou-se um Tríduo e o Bispo destacou com orgulho que as primeiras Filhas da Caridade tinham chegado a Arras enviadas pelos Fundadores e *“que belo presente o coração de São Vicente de Paulo nos fez ao designar para Arras a Irmã Margarida Chétif, que em breve sucederia a Senhora Le Gras como Superiora geral”*¹⁶. O número de Irmãs

que participaram da cerimônia foi tanta que a imprensa local observou: "certamente nunca tínhamos visto tantas cornetas em Arras".

Em Angers, para mostrar a sua gratidão à Bem-aventurada, os fiéis são lembrados de que Luísa de Marillac foi três vezes a Angers e que *"nossa cidade se orgulha de ter o primeiro asilo fundado por ela para os doentes, as crianças abandonadas, a quem dedicou a sua vida, uma obra admirável que as suas filhas continuam"*¹⁷.

Metz também presta homenagem à Fundadora, a presença da Superiora Geral nestas celebrações conferiu-lhes um carácter mais solene, diz-se que *"Metz foi uma das primeiras cidades que teve a honra de receber as suas filhas dentro das suas muralhas"*.

Em Paris, o pároco de São Nicolas de Chardonnet também organizou celebrações festivas, pois, foi aqui que a *"Bem-aventurada Luísa de Marillac fundou a Companhia das Filhas da Caridade"* e o pároco de Clichy afirmou que *"tudo sugere que a Bem-aventurada conheceu São Vicente de Paulo na sua pequena paróquia de Clichy; por isso, era conveniente que as solenidades fossem celebradas nesta Igreja em sua honra"*.

"Por toda a parte, em Paris, Londres, Bruxelas, Colônia, Turim, Nápoles, Madrid, Ásia, África e América, há celebrações esplêndidas; os cardeais dão um maior esplendor com a sua púrpura, os bispos publicam os seus louvores. Honras, veneração, respeito universal, respeito que nunca acabará, que durará até ao fim dos tempos e por toda a eternidade!", declarou o Superior geral em 15 de março de 1921.

As Irmãs da China escreveram: *"De fato, era justo que a França, o seu berço e pátria, fosse a primeira a celebrar Luísa de Marillac e as Mártires de Arras; mas não teria sido correto que ela tivesse sido a única. De fato, em toda parte, onde os seus filhos trabalham e morrem, uma mãe se sente um pouco em casa, e aí ela tem o direito de receber honras e agradecimentos.*

Estátuas e quadros foram encomendados e enviados para o mundo todo, quando eles chegaram com um certo atraso, foi causa de grandes emoções entre as Irmãs. Nada impediu as Irmãs e aos fiéis de se reunirem para dar graças a Deus e cantar os seus louvores.

Centenário da Beatificação de Luísa de Marillac

Em Siena, durante a preparação da festa, duas crianças morreram de tifo, muitas outras tiveram febres altas, tudo indicava que uma epidemia estava prestes a eclodir. Uma Filha da Caridade pegou uma imagem de Luísa de Marillac, colocou-a à porta da enfermaria e disse: *"Agora, minha bem-aventurada Mãe, ninguém deve entrar aqui com esta doença. "E assim aconteceu. O mal foi detido, as febres cessaram"*¹⁸. Ricos e pobres, todos juntos, foram convidados para as celebrações: uma Irmã escreveu à Superiora geral contando-lhe os acontecimentos: *"A nossa bem-aventurada Mãe certamente está no nosso meio, podemos sentir isto", "Estas festas foram verdadeiramente a passagem da graça", escreveu outra Irmã.*

Luísa de Marillac é apresentada em toda parte como a *"mulher forte"* das Escrituras, *"modelo de todas as categorias de casa: jovens, esposas, mães, donas de casa, viúvas, pessoas consagradas a Deus, idosos que se preparam para a morte"*.

Conclusão

A beatificação de Luísa de Marillac suscitou na alma de cada Filha da Caridade a gratidão de pertencer a uma família tão numerosa e de ser a herdeira de uma espiritualidade tão rica. Ao longo das celebrações, as Irmãs ouviram exortações para se tornarem dignas deste dom através de uma vida imbuída de oração, caridade, serviço e fidelidade.

Em 15 de março de 1921, durante a primeira celebração litúrgica da Bem-aventurada Luísa de Marillac, o Padre Verdier disse: *"Honrai então a vossa Mãe, venerando as suas relíquias; honrai a vossa Mãe, lendo com prazer, de tempos a tempos, a Missa que a santa Igreja compôs em sua honra e fazendo-a celebrar nas vossas capelas, quando as rubricas o permitirem; honrai a vossa Mãe recitando o seu ofício. Honrai a vossa Mãe cantando hinos, cânticos aos seus louvores. Honrai a vossa Mãe colocando estátuas e quadros da bem-aventurada... ela o merece, pois é a vossa Mãe, uma Mãe honrosa e honrada, uma bem-aventurada Mãe. Louvemos o nosso Deus na confissão da Bem-aventurada Luísa"*.

Notas:

- ¹ Alocução do Padre Fiat, em 29 de junho de 1895. Anais, 1895, página 480.
- ² Tríduo de ação de graças na Igreja São Lourenço (Saint-Laurent) em Paris. Anais, 1896, página 145.
- ³ Idem
- ⁴ Carta apostólica de Dom Cabrière, Montpellier, em 29 de junho de 1895. Anais, 1895, página 482.
- ⁵ Casa Mãe, Panegírico da Bem-aventurada Luísa de Marillac, 15 de março de 1921; Anais 1921, página 87;
- ⁶ Idem.
- ⁷ Decreto sobre a autenticidade dos milagres, 9 de março de 1919; Anais 1919, página 265.
- ⁸ Discurso de Dom Verdier, Vigário geral, 9 de março de 1919; Anais 1919, página 268.
- ⁹ Resposta do Soberano Pontífice, 9 de maio de 1919; Anais 1919, página 270.
- ¹⁰ Anais, 1920, página 445.
- ¹¹ Audiência dada por Bento XV às duas famílias de São Vicente; Anais 1920, página 627.
- ¹² Anais, 1920, página 637.
- ¹³ Anais, 1921, página 36.
- ¹⁴ Artigo no jornal “La Croix” publicado nos Anais, 1920, página 342.
- ¹⁵ Algumas cartas apostólicas de Bispos a respeito da Bem-aventurada, Anais, 1920, página 341.
- ¹⁶ Anais 1921, página 229.
- ¹⁷ Anais 1921, página 170.
- ¹⁸ Anais, 1921, página 297.

Quase-Província

SANTA GENOVEVA em honra do 1600º aniversário de Santa Genoveva

Conferência dada na Casa Mãe, o estilo oral foi conservado

Introdução

A fim de apresentar a vida e as notícias atuais de Santa Genoveva é necessário falar sobre a história da França para poder colocá-la dentro do contexto.

Este ano celebramos o aniversário de 1600 anos do nascimento de Santa Genoveva, portanto, faz muito tempo que isto aconteceu. Antes, de mais nada, precisamos dizer que tudo o que sabemos sobre a vida de Santa Genoveva provém de um manuscrito chamado La Vita. La Vita foi escrita cerca de dezoito anos após a morte de Genoveva, a pedido de Santa Clotilde que era, digamos assim, uma companheira espiritual de Santa Genoveva. O autor de La Vita é desconhecido, mas, obviamente, a proximidade das datas, dezoito anos após a sua morte, leva-nos facilmente a pensar que ele é um contemporâneo e, é isto que dá crédito à sua história. La Vita foi escrito em latim, traduzido de mil e uma maneiras que inspirou vários livros, romances, etc.

Há mil e seiscentos anos, ainda não se falava da França, mas sim da Gália, que era a principal província de um império gigantesco que era o Império Romano. Há mil e seiscentos anos, o Império Romano foi

totalmente derrubado, foi o fim do Império. Os gauleses estavam divididos, alguns estavam à espera que Roma os salvasse, outros permaneceram fiéis a Roma. Havia os Francos, vindos das margens do Reno, que eram aliados dos Romanos, em suma, as fronteiras europeias estavam tumultuadas.

Ao mesmo tempo, foi o período em que a fé cristã entrou na Gália. No final do segundo século, a fé cristã entrou na Gália, com Potino, Bispo de Lião, e Dionísio - Bispo de Lutécia. Este é o período em que a fé católica estava sendo construída, se me é permitido dizê-lo, é o período do Concílio de Niceia-Constantinopla, cujo Credo rezamos nas Missas. Portanto, tudo isto é um período muito intenso na Igreja e na sociedade da época, que se reduziu ao que conhecemos hoje como Europa Ocidental. Todas estas pessoas estavam em movimento. É importante ter tudo isto em mente para nos permitir compreender como, ao empregar os seus talentos, Genoveva se beneficiou dessa época. Podemos também acrescentar que era o tempo do grande São Martinho, evangelizador da Hungria. São Martinho estava obviamente em Tours, e Santa Genoveva foi vê-lo. É impressionante ver todas os encontros que ela pode realizar. Ela conheceu São Remi em Reims, Remi, que batizou o rei Clovis. Ela conheceu São Aniano em Orleães. Em suma, foi um período extremamente efervescente e, ao mesmo tempo, extremamente instável do ponto de vista político, uma vez que todos se disputavam para, basicamente, estabelecerem a continuação do Império Romano. Por isso, é preciso ter tudo isto em mente quando se fala sobre a vida de Genoveva.

Quem é Santa Genoveva?

Santa Genoveva nasceu em Nanterre. Nanterre era uma pequena cidade – era, e ainda hoje é, uma cidade - a noroeste de Paris, nas margens do Sena, o que é muito importante. O rio Sena atravessa Paris, e quando sai de Paris, o rio Sena vai para Saint-Cloud, Sèvres, e chega a Nanterre. Continua para Rouen até chegar no mar. Assim, ela nasceu nesta pequena aldeia às margens do Sena, por volta dos anos 420. Estamos celebrando o 1600º aniversário, mas não sabemos realmente se foi em 418 ou 422, porém, isto não tem grande importância.

Viveu com a sua família, um casal de nobres, nobres gauleses que, após longos anos de casamento, não puderam ter filhos. Obviamente, o

1600º aniversário do nascimento de Santa Geneveva

anúncio do nascimento de um bebê, Geneveva, foi uma grande alegria. Logo, esta informação é importante: nas margens do rio Sena, numa família nobre. Esta representação de Geneveva que cuida das ovelhas é totalmente falsa. Simplesmente, porque, no século XIX existe uma lenda sobre Geneveva na qual ela foi basicamente comparada a Joana D'Arc. Portanto, esta imagem de cuidadora de ovelhas não tem nada a ver, muito embora ela esteja representada desta forma na mais bela Igreja de Paris, porém, é um erro.

Portanto, Geneveva cresceu na casa desta família, dos seus pais, nesta aldeia. O seu pai era magistrado municipal em Paris. Isto é importante. Ele ocupava uma função nobre. Como magistrado tinha algum poder na organização da cidade de Paris. Militar e magistrado. Era considerado um homem religioso. A mãe de Geneveva, Gerônica, era considerada uma cidadã romana, com uma grande autoridade. A família ganhava o seu sustento com as terras que possuía e nas quais trabalhava.

Naquela época havia muitas preocupações em toda parte devido à chegada dos Francos, assim como as guerras, etc. O que iria acontecer na região? É fácil imaginar Geneveva em Nanterre, olhando para o horizonte, e o que foi que ela viu de longe? Ela viu os muros e os telhados de Lutécia. Ela estava atraída por Lutécia simplesmente, porque a sua madrinha vivia em Lutécia, próximo do que é hoje a Praça de Notre-Dame, ou seja, realmente no centro da cidade. Na época, Lutécia era apenas o que hoje consiste a Ilha da Cidade (I'le de la Cité), portanto a Ilha do Sena (I'le de la Seine), já que foi graças ao rio Sena que a cidade foi construída, pois todos os materiais de construção chegaram de barco, é o que acontece com todas as cidades que são atravessadas por um rio. Assim, a cidade que no futuro será chamada de Paris nasceu às voltas do rio Sena, em círculos concêntricos.

Por isso, é fácil imaginar a pequena Geneveva naquela época. Quando Geneveva tinha sete anos de idade, algo bastante curioso aconteceu na aldeia. Na aldeia de Nanterre, numa noite, um barco pára e a multidão é avisada que neste barco há um enviado do Papa. Foi o Bispo de Auxerre, São Germano de Auxerre, que foi enviado pelo Papa para ir à Inglaterra, Grã-Bretanha, para ajudar a Igreja Católica, que é o povo cristão da Grã-Bretanha, a combater a heresia de Pelágio. Na época, o que se chama de Pelagianismo é esta doutrina que consistia em dizer que

era relativamente fácil ser um santo, para isso era necessário ir à força ou por livre vontade. Obviamente, isto é heresia, pois, a Igreja diz que a santidade é um dom, é a graça de Deus que trabalha em nossos corações e nos faz santos. Assim, o Papa de Roma, Celestino, estava preocupado com o Palagianismo nascente e enviou um teólogo, São Germano de Auxerre. Podemos facilmente imaginar: Auxerre fica no sudeste de Paris, atravessada por um afluente do Sena. Assim, pode-se imaginar bem o tipo de viagem, e depois de passar a noite, ele pára. Como ele é o enviado do Papa, a comunidade cristã de Nanterre está em festa. Eles reúnem-se à noite na Igreja. Mas, na Igreja, o que é que acontece? Uma multidão está presente. Genoveva está lá com os seus pais e, nesse momento, São Germano de Auxerre pára em frente desta menina e lhe dá uma pequena medalha, uma cruz. Ele disse-lhe: "Minha filha, vais consagrar a tua vida a Deus". Foi um momento importante na vida de Genoveva e ela o carregou consigo, por muito tempo. Tudo mudou na sua vida, para os seus pais. É claro que os pais não concordaram muito com a ideia. Ela era filha única, por isso o grande desejo dos pais era de realizar um belo casamento. A mãe, que tem um temperamento muito duro, fica furiosa.

O pai, que é mais calmo e mais religioso, deixa que as coisas aconteçam. Mas, nada acontece. Imaginemos a cena, se olharmos para as audiências atuais do Papa, há muitas pessoas à volta das barreiras, o Papa pára, ele toca numa criança, enfim, foi basicamente isso que aconteceu. Mas, Genoveva vivenciou isso como um sinal, como um chamado. Isto desestabilizou tanto a Genoveva quanto a família, ao ponto de a mãe ficar muito zangada. Sempre que a sua filha ia à Igreja, a mãe ficava um pouco aborrecida. Então, um dia a mãe ficou cega. É o que diz La Vita. A mãe ficou cega. É como os milagres da Bíblia, é um sinal que se refere a outra coisa: ela perdeu a visão de Deus. Ela ficou fisicamente cega. Ela implorou a Deus que lhe restaurasse a visão. Foi ao poço de sua casa e, com a ajuda de Genoveva, tirar a água do poço, e Genoveva lava-lhe os olhos com essa água. Neste instante, a mãe recuperou a visão. Assim, se realizou o primeiro sinal do céu em favor da mãe de Genoveva. Esta mulher corajosa compreende que talvez seja o momento de deixar o bom Deus realizar o seu desígnio sobre a sua filha. Se um dia você for a Nanterre, lá onde a Catedral foi construída (Nanterre é agora uma diocese moderna que tem cinquenta anos porque, antes fazia parte da diocese de Paris), pode-se fazer memória deste local que teria sido a casa da família de Genoveva e pode-se ver o poço.

1600º aniversário do nascimento de Santa Geneveva

Algum tempo depois, Geneveva recebeu a consagração, através da qual, pode-se dizer que é a ordem mais antiga da história da Igreja, ela tornou-se virgem consagrada e recebeu o véu, sinal da sua consagração. Muito jovem? Não sabemos ao certo, porém, ainda jovem, Geneveva consagra-se a Deus. Pelo sinal da vinda providencial de São Germano de Auxerre, pelo sinal daquela água que restaurou a visão da sua mãe, Geneveva continua o seu percurso e consagra a sua vida totalmente a Deus.

Os pais de Geneveva faleceram quando ela ainda tinha vinte anos de idade. O que é que Geneveva fez? Ela é encorajada e apoiada pelas outras virgens consagradas, mas a sua madrinha disse-lhe: "Venha para Paris, para Lutécia, não fique sozinha em Nanterre". Aos vinte anos, Geneveva foi morar com a sua madrinha na Ilha da Cidade (I'île de la Cité), lá onde atualmente se encontra o Hôtel-Dieu, no centro de Paris. Assim, ela vai tornar-se parisiense. Que mudança para ela! Trata-se de uma grande mudança, porque ela sai de uma aldeia onde os seus pais trabalhavam a terra para uma casa que parece um palácio, porque a sua madrinha, tal como o seu pai, era membro do conselho municipal da cidade. Ela está num cenário totalmente diferente.

Foi uma mudança muito difícil. A sua madrinha era da alta sociedade, ela participava da vida da cidade. Com a morte do pai de Geneveva, que era um magistrado municipal, a responsabilidade recaiu sobre a madrinha de Geneveva. Estes foram os encargos que se transmitiram. Pode-se ler no livro *La Vita* que Geneveva participou, toda sorridente e amável, das grandes recepções que foram dadas, mas que não mudaram nada na sua vida austera, consagrada a Deus. A sua vida de oração permanecia em primeiro lugar.

Fala-se que num determinado momento, ela adoeceu e, na doença, no seu sofrimento, ela ficou dilacerada. Durante três dias, perdeu a consciência e a noção de onde estava. Quando acordou, relatou que sentiu como se tivesse sido transportada para o céu. A interpretação é que ela viveu na realidade uma espécie de tentação. Será que ela estava dividida sem saber direito se deveria viver da sua consagração religiosa ou da sua missão para a cidade? É interessante ler no livro *La Vita* uma referência desses três dias com os três dias entre a morte e a ressurreição de Jesus. É a memória desta provação que ficará marcada e dará a força para

Geneveva enfrentar todas as demais provações, porque interpretou este acontecimento como sendo, mais uma vez, um sinal de Deus e que lhe deu a força para avançar na missão que tinha recebido ao serviço da cidade.

Ela era conhecida pela sua capacidade de ler os corações. Muitas pessoas vinham vê-la para falar com ela, para abrir-lhe o seu coração. Claro, houve uma polémica: as pessoas começaram a pensar que ela estava louca. Ela foi muito caluniada, falavam de tudo um pouco. Mais uma vez, Dom Germano foi enviado para a Grã-Bretanha, e desta vez ele não pára em Nanterre, mas sim em Lutécia. Recordando-se do que tinha acontecido, pede para ver Geneveva. O local do encontro foi onde, hoje, se encontra a Igreja de São Germano de Auxerrois, portanto, às margens do rio Sena, para melhor nos situarmos, esta Igreja fica vizinha ao Louvre. Ele quer notícias de Geneveva, saber onde ela está, e por isso ouve muitas coisas. Dizem até que ela enlouqueceu, etc. Então, ele parte para encontrar Geneveva e a encontra em oração. Depois deste encontro ele tranquiliza as pessoas que estavam contra ela: "Não, não, ela é uma mulher de oração, ela não está louca. A sua vida é totalmente doada a Deus e ela vive disso". Tanto que, como resultado de tudo isto, Geneveva, paradoxalmente, tornou-se a mulher mais conhecida em Paris. Foi então que ela fundou uma comunidade de mulheres, próximo da Catedral Notre-Dame para rezar pela cidade. Não era uma comunidade religiosa, nem uma comunidade de virgens consagradas, mas sim, uma comunidade de mulheres que se comprometeram a rezar pela cidade.

Então, acontece algo muito importante, a guerra se aproxima de Paris. Os romanos não são suficientemente fortes, o Império Romano desmorona, e os romanos são incapazes de resistir aos ataques de todos os tipos. Um exército com mais de um milhão de soldados foi ao encontro deles. Era o exército dos hunos liderado por Átila. Todos conhecem o provérbio: "quando Átila passa, a grama não volta a crescer". Átila era assim. Tratava-se de um povo guerreiro, um povo nómade que não cessava de saquear, matar e queimar. Ao mesmo tempo, Átila, no retrato mais horrível que podemos fazer dele, é um verdadeiro gênio da guerra. Ele era um pagão que só adorava a sua espada. Ele atravessou todo o Império Romano, ou seja, Reno, a Alemanha, enfim, toda a Europa, destruindo tudo no seu caminho até Metz e Reims.

1600º aniversário do nascimento de Santa Genoveva

Evidentemente que a população de Paris teve medo, imaginando que se Átila estava em Reims, que fica a 140 quilômetros de Paris, logo chegaria em Paris. Assim, os parisienses fugiram e abandonaram a cidade. Genoveva disse: "Abandonar a cidade, abandonar a cidade de Paris significa condená-la". E Genoveva permanece confiante, em oração. Todos vinham pedir a sua opinião. Ela responde o mesmo para todos: "Rezem, façam penitência, Lutécia será salva". As opiniões dividem-se. Como poderia esta mulher ter a receita? O que fazer? "Não fujam, Lutécia será poupada, não a abandonem". A sua confiança, esta certeza que tinha na sua fé fê-la voltar a parecer uma mulher louca. Porém, Genoveva continua a devolver a confiança do povo. Lutécia, finalmente, é poupada. Átila contornará Paris e irá para o Loire, perto de Orleães, etc. Assim um milagre foi realizado através da santa determinação de Genoveva. Os bárbaros não foram para Paris. Átila nunca se tornará o mestre do Ocidente. Todos os habitantes de Lutécia estão felizes por terem obedecido a Genoveva e por terem uma guardiã para a cidade. Finalmente, graças a este acontecimento, Genoveva será adotada por todos os parisienses.

Foi neste período que a sua madrinha faleceu e, não podendo mais ficar no palácio onde morava com a falecida, Genoveva vai viver no Monte Lucotitius (como era chamado na época), ao sul da Ilha da Cidade (l'Ile de la Cité), o atual Monte Santa Genoveva, na época, um bairro em expansão. Da sua casa era possível contemplar toda a cidade. Assim, ela continua a manter a vigilância. Ela é reconhecida como a salvaguarda, a providência de Paris. Ela protege Paris como uma mãe defende o seu filho.

A sua reputação estende-se para além das muralhas de Paris. Diz-se mesmo que ela é conhecida até no Oriente. Há uma passagem em La Vita que faz alusão aos mercadores que foram do Ocidente para o Oriente e que, na Síria, se depararam com São Ciríaco que teria dito aos mercadores: "Saudai Genoveva da minha parte". Isto explica, por exemplo, porque os ortodoxos têm hoje um verdadeiro culto a Santa Genoveva. Muito frequentemente há peregrinações ortodoxas à paróquia.

Genoveva tinha uma grande devoção a São Denis, o evangelizador de Paris, ela ia com frequência em peregrinação ao seu túmulo. Sabe-se que São Dionísio foi decapitado na colina de Montmartre. A história diz-nos que embora decapitassem o Bispo, a Igreja não seria decapitada, então, o Bispo abaixou-se, tomou a cabeça nas mãos, continuou o seu

caminho, e de Montmartre - hoje há uma rua que se chama Rue des Martyrs (Montmartre é o Monte dos Mártires) - que leva ao bairro São Dionísio (Saint-Denis), onde o bispo São Dionísio foi enterrado e onde Genoveva ia regularmente em peregrinação. Um dia, enquanto conduzia uma peregrinação com uma vela acesa, a vela apagou-se. Depois houve pânico, era noite, etc. Misteriosamente, na oração de Genoveva, a vela foi acesa novamente. Portanto, outro sinal da fé de Genoveva.

Genoveva disse: “é totalmente indigno que o evangelizador de Paris seja enterrado num cemitério e que ninguém venha a reconhecer a sua presença”. Então, Genoveva encorajou o clero parisiense e houve solicitações por toda a Paris para que se conseguisse terra para fabricar os tijolos, etc. Foi Genoveva que, com o desejo de homenagear São Dionísio, construiu a primeira catedral de São Dionísio, este lugar de oração digno do evangelizador São Dionísio.

No final do século V, quando Clóvis ia começar a tomar o poder e a pôr fim ao Império Romano houve um fato muito importante. O que fazer para que um povo obedeça as autoridades? É relativamente fácil, basta não mais alimentá-lo. E foi assim que a fome se instalou em Paris, um momento trágico, que fez com que os inimigos de Clóvis se rendessem e se instalassem. Os parisienses voltaram-se para Genoveva, dizendo: "Então, vós nos livrastes dos hunos, como faremos agora? "Como todas as estradas foram ocupadas pelo exército dos Francos, Genoveva organizou uma frota e através do Sena, foi para o Aube, não muito longe da cidade de Troyes, para Arcis-sur-Aube, e como a sua reputação era imensa em Paris, todos os habitantes desta terra da Champanhe encheram os barcos com farinha e os deram a Genoveva. Ela voltou a Paris e mandou fazer pão e deu ordens para distribuir o pão aos mais necessitados. Assim ela salvou Paris, não só da invasão dos Francos, mas sobretudo da fome. Ela distribuiu o maná, o pão. Logo, podemos imaginar como a sua glória, se me é permitido dizê-lo, cresceu.

Sabemos que o lema atual da cidade de Paris é "*Fluctuat nec mergitur*", “flutua, mas não afunda”. Não há nenhuma prova histórica, porém, não é completamente falso: fala-se que este lema é o resultado daqueles barcos que voltaram extremamente carregados de comida, porque quando o inimigo, os Francos, os Visigodos, os viram chegar ao Sena, atiraram árvores no rio para impedir o transporte. Sabemos igualmente

1600º aniversário do nascimento de Santa Geneveva

que o brasão da cidade de Paris é um barco, e que este barco se refere a este acontecimento com Geneveva: um barco que flutua e não se afunda; foi isso o que realmente aconteceu. Eu citei aqui os fatos mais relevantes que podemos encontrar na *La Vita* e que são atribuídos a Geneveva.

Em 492, Clóvis casou-se com Clotilde e, recebeu o batismo em 496, portanto, poderíamos dizer que a França descobrirá o cristianismo e não se pode dizer uma França cristã, mas este batismo ajudou na instalação do cristianismo, na instalação do Evangelho.

Geneveva foi encontrar-se com São Martinho em Tours, depois com São Remi em Reims; desenvolveu uma amizade espiritual com Santa Clotilde, esposa de Clóvis. Geneveva tinha mais de noventa anos quando faleceu, o que era muito raro naquela época. O rei pede que ela seja enterrada na Igreja construída para ela, na época, a Igreja Santa Geneveva. Desta Igreja de Santa Geneveva, depois da Revolução, nada restou senão a torre, os revolucionários quebraram tudo. Hoje existe uma escola secundária, chamada Henrique IV. Nesta Igreja, nasceu uma ordem religiosa de monges, os Genevefans, que mantiveram viva a memória de Santa Geneveva e a oração de Santa Geneveva. Depois Clóvis pediu para ser enterrado ao lado de Geneveva. Assim, pode-se imaginar como foi imensa a influência de Geneveva até à Revolução Francesa.

No século IX, houve uma invasão dos normandos e dos bárbaros, e o que fizeram os monges? Eles esconderam as relíquias. Disseram a si mesmos: "Se os bárbaros vierem, se os normandos vierem a Paris, vão roubar o que temos de mais precioso. Então, eles esconderam as relíquias de Santa Geneveva. É por isso que existem algumas relíquias em locais diferentes. Sempre que havia um episódio doloroso na cidade de Paris, desde o século VI ao século XII - XIII, os monges genevefans faziam procissões e pediam a intercessão de Santa Geneveva. O povo de Paris viu em Santa Geneveva uma protetora.

Na época da Revolução Francesa, os revolucionários roubaram o corpo de Santa Geneveva. Não sabiam que havia relíquias que estavam escondidas, e o corpo de Santa Geneveva foi atirado no rio Sena. Uma grande parte do corpo desapareceu. Mais uma vez, graças aos monges, temos ainda várias relíquias.

Anteriormente, o rei tinha pedido para construir uma grande Igreja para a glória de Santa Genoveva. Uma Igreja que não seria uma Igreja paroquial, mas que permitiria a todos os parisienses e a todos os franceses de rezar a Santa Genoveva, visto que antes eles rezavam com os monges, porém, não podiam entrar no mosteiro e por isso construíram a Igreja Santo Estevão do Monte (Saint-Etienne-du-Mont) para os habitantes do bairro, mas o rei quis transferir o corpo de Santa Genoveva - antes da revolução - para uma grande Igreja, a Igreja do Panteão. Quando se vai ao Panteão hoje, há uma grande placa onde está escrito: Igreja de Santa Genoveva. Como uma espécie de ironia da história, o que é bastante engraçado, é que durante a Revolução Francesa o Panteão foi transformado em um templo do laicismo, toda a glória da República foi ali enterrada, e no frontão do Panteão pode-se ler: "Aos grandes homens, a pátria é grata". O paradoxo da história é que o primeiro grande homem a entrar no Panteão foi, na verdade, Santa Genoveva.

No Panteão, há os túmulos de homens importantes da história, e no subsolo, na cripta, há heróis da República. No nível superior, há afrescos do século XIX de Puvis de Chavannes que contam toda a vida de Santa Genoveva. Quando se entra no Panteão, pode-se ver claramente que se tratava de uma Igreja dedicada a Santa Genoveva.

Desde que o mosteiro foi destruído durante a revolução, a Igreja de Santo Estevão do Monte (Saint-Etienne-du-Mont), que costumava ser a Igreja paroquial na Montanha de Santa Genoveva, tornou-se o lugar de Santa Genoveva. As relíquias de Santa Genoveva são veneradas na Igreja Santo Estevão do Monte (Saint-Etienne-du-Mont) ao longo de todo o ano. Então, final do século XVIII, bem depois da Revolução Francesa, uma rua foi construída, entre as duas Igrejas, chamada Rua Clóvis, durante a obra foi encontrada a localização exata do túmulo de Clóvis, Clotilde e Genoveva. Na Igreja Santo Estevão do Monte existe uma espécie de sarcófago que contém, não o corpo de Santa Genoveva, mas a laje sepulcral, como lembrança. Os vitrais do século XVIII são como um desenho em quadros que conta tudo o que eu acabei de relatar, a Vita, os vários milagres, as grandes procissões que foram muito importantes até ao século XVIII. Todos os anos, na festa litúrgica de Santa Genoveva, no dia 3 de janeiro, há uma procissão que vai até a Catedral Notre Dame com o relicário.

CONCLUSÃO

Em conclusão, gostaria simplesmente de destacar o que eu chamaria os acontecimentos atuais de Santa Genoveva. No século V existe um amálgama, como sempre na vida dos santos, de hagiografia, fatos históricos, fatos reais e lendas. Como padre, sempre que celebro funerais, eu enterro um "santo"! Todas as pessoas que falavam durante a celebração explicaram-me como aquela pessoa era fantástica. É por isso que penso que é importante ressaltar para nós qual é a atualidade desta figura de santidade.

Todos nós conhecemos exortação do Papa Gaudete et exultate - *"Alegrai-vos e exultai"* sobre a chamada à santidade no mundo atual, feita em março de 2018, onde ele especifica - um pequeno parágrafo que penso ser importante para todos nós. *"Para identificar qual seja essa palavra que o Senhor quer dizer através dum santo, não convém deter-se nos detalhes, porque nisso também pode haver erros e quedas. Nem tudo o que um santo diz é plenamente fiel ao Evangelho, nem tudo o que faz é autêntico ou perfeito. O que devemos contemplar é o conjunto da sua vida, o seu caminho inteiro de santificação, aquela figura que reflete algo de Jesus Cristo e que sobressai quando se consegue compor o sentido da totalidade da sua pessoa"* (nº 22). Existe a lenda e outras coisas, porém, sem muito nos determos nos detalhes, poderíamos dizer: "Ah! Santa Genoveva é maravilhosa porque deu comida aos parisienses! "Tudo bem, é verdade que ela fez isso. Mas porque o fez? Porque ela era habitada pela fé, porque queria viver da caridade. Assim sendo, devemos repetir para nós mesmos que não se pode ficar apenas nos fatos.

Destaco vários critérios que me parecem importantes

Genoveva é uma mulher. Fala-se muito que não há lugar para as mulheres na Igreja. Sempre que ouço esse tipo de comentário costumo dizer, diga isso à uma Superiora geral de uma Congregação se as mulheres não têm lugar na Igreja. A Superiora geral de uma Congregação tem muito mais poder do que um Bispo. Ah, sim, uma vez que a Congregação está presente no mundo. Assim, Genoveva é uma mulher, esse é um ponto importante a salientar.

Geneveva é batizada. Foi em nome do seu batismo que ela agiu, não devemos esquecer isso. Geneveva, batizada, consagrou a sua vida a Deus.

Outra característica: Geneveva agiu e resistiu aos medos. Isto é uma virtude! Quando a multidão está com medo, ela diz-lhes: "Não..., vamos lá..., vamos fazer isso..".

Geneveva é a evangelizadora da cidade. Quando ela constrói as bases da Basílica de São Dionísio, quando ela age, etc., ela proclama o Evangelho, ela evangeliza. Isto é obviamente muito importante.

Geneveva está comprometida com o bem comum. Ela está comprometida com a cidade, ou seja, com todos. Ela não disse: "Eu faço isto porque sou cristã, portanto, falo aos cristãos". Não, ela o fez para o bem comum.

Geneveva é uma mulher de oração.

Geneveva está atenta aos indigentes, aos mais fracos.

Destaquei estes pontos porque encontrei estas mesmas referências na exortação do Papa Francisco. E descobri que estes critérios nos ajudam a atualizar esta figura de Santa Geneveva.

Padre Denis METZINGER
Pároco da paróquia de Santo Estevão do Monte - Paris